



UC/FPCE—2013

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Estudo de validação do Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida (FILE) e das Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família (F-COPES) numa amostra de população geral portuguesa

Carla Sofia Coimbra Antunes (e-mail: carlaantunes.pc@gmail.com)

Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia
Área de Especialização em Psicologia Clínica e Saúde, Sub-área de Especialização em Sistémica Saúde e Família

Orientação: Professora Doutora Ana Paula Relvas e Mestre Diana Cunha

Estudo de validação do Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida (FILE) e das Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família (F-COPES) numa amostra de população geral portuguesa

Resumo: O inventário FILE permite a avaliação das variáveis associadas às mudanças e acontecimentos de vida normativos ou inesperados, com os quais a família teve contacto no último ano. A presente investigação debruça-se sobre a sua aplicação numa amostra da população geral portuguesa. As qualidades psicométricas do FILE foram estudadas a partir da avaliação da validade de constructo, do coeficiente *alpha* de Cronbach (avaliação da consistência interna) e da análise fatorial (exploratória e confirmatória). Não se tendo confirmado o modelo original, propôs-se um outro modelo (versão reduzida) que foi testado [quatro fatores: Tensões intrafamiliares (*alpha* = .72); Tensões relacionadas com a doença (*alpha* = .58); Tensões relacionadas com os filhos (*alpha* = .58); Mudanças estruturais no sistema familiar (*alpha* = .53)], tendo-se revelado mais ajustado aos nossos dados. Embora este inventário apresente uma razoável consistência interna (*alpha* = .71), e tal como acontece no estudo original dos autores, a escala global deve ser utilizada com cuidado, dada a debilidade da sua estrutura fatorial.

O F-COPES é uma medida das estratégias de *coping* disponíveis e da forma como são colocadas em prática pela família, de forma a dar resposta às adversidades. Neste estudo procedeu-se à adaptação desta escala à população portuguesa. Para isso, as suas qualidades psicométricas foram estudadas através da avaliação da validade de constructo, do coeficiente *alpha* de Cronbach (avaliação da consistência interna) e da análise fatorial (exploratória e confirmatória). O modelo original não se mostrou ajustado à nossa amostra, tendo-se procedido à construção teórica de outro com melhores características de ajustamento [quatro fatores: Reenquadramento (*alpha* = .89); Avaliação passiva (*alpha* = .63); Apoio Social – relações próximas (*alpha* = .84); Apoio Social – religioso, profissional e da comunidade (*alpha* = .87)].

Palavras chave: *Stress, pile-up, coping*, estratégias internas e externas

de coping.

Validation Study of Family Inventory of Life Events and Changes (FILE) and Family Crisis Oriented Personal Scales (F-COPES) on a Portuguese population general sample

Abstract: The inventory FILE allows the evaluation of the variables associated with life normative change or unexpected events, whose family had contact in the last year. This research focuses on the application of a Portuguese population general sample. The FILE psychometric qualities were studied from the assessment of construct validity, Cronbach's alpha coefficient (internal consistency) and factor analysis (exploratory and confirmatory). Not having confirmed the original model, it was proposed another model (short version) that was tested [four factors: intra-family tensions (alpha = .72), stresses related to illness (alpha = .58); Tensions related to the children (alpha = .58); Structural changes in the family system (alpha = .53)] having proved better suited to our data. Although this survey present a reasonable internal consistency (alpha = .71), and as happens in the original study authors, the global scale shall be used with caution, given the weakness of its factor structure.

The F-COPES is a measure of coping strategies available and how they are put into practice by the family, in order to respond to adversity. This study proceeded to the adaptation of this scale to the Portuguese population. For this, its psychometric qualities were studied by assessment of construct validity, Cronbach's alpha coefficient (internal consistency) and factor analysis (exploratory and confirmatory). The original model was not adjusted to our sample, having proceeded to the theoretical construction of other features with better adjustment [four factors: Reframing (alpha = .89); Passive evaluation (alpha = .63); Social Support - close relationships (alpha = .84); Social Support - religious, professional and community (alpha = .87)].

Key Words: Stress, pile-up, coping, internal and external coping strategies.

Agradecimentos

Aos meus pais, por todos os sacrifícios realizados, pela confiança e apoio incondicional.

Ao meu avô, por toda a ajuda, todas aquelas palavras sábias e tão reconfortantes que me conduziram a “bom porto”.

Ao Hugo, por todo o amor, paciência, carinho e por, perto ou longe, estar sempre presente ao longo de toda esta “caminhada” académica.

Ao Nuno e à Olga, pelo suporte prestado no momento certo.

Aos meus amigos, por estarem sempre lá.

Às amigas “que levo comigo para a vida”, Ana e Sara, pelas partilhas, gargalhadas e lamentações conjuntas.

À inconfundível orientação da Mestre Diana Cunha, cuja constante disponibilidade e incentivo foram fulcrais para a prossecução e conclusão desta dissertação.

À professora Doutora Ana Paula Relvas, pelas visões sapientes e intervenção no momento preciso.

Ao professor Bruno de Sousa, pela ajuda e disponibilidade prestadas.

A todos os não referidos, mas que tiveram o seu cunho na elaboração desta tese.

A todos vós, muito obrigada! Porque tudo o que alcançamos só tem sentido se tivermos alguém ao nosso lado com quem partilhar...

Índice

Introdução.....	1
I – Enquadramento conceptual.....	1
II - Objetivos.....	12
III - Metodologia.....	13
Descrição da amostra.....	13
Materiais/Instrumentos.....	14
Procedimentos de investigação.....	15
IV – Apresentação e interpretação dos resultados.....	15
4.1. Estudos referentes ao FILE.....	16
Estudos preliminares – análise da fiabilidade e pressupostos da análise fatorial exploratória.....	16
Estudos de precisão.....	21
Valores de referência.....	26
4.2. Estudos referentes ao F-COPES.....	28
Estudos preliminares – análise da fiabilidade e pressupostos da análise fatorial exploratória.....	28
Estudos de precisão.....	34
Valores de referência.....	40
V – Conclusões.....	42
Referências bibliográficas.....	43
Anexos.....	52
Anexo A. – Características sociodemográficas da amostra (N=534).....	52
Anexo B. I – Análise de componentes principais (1).....	53
Anexo B. II – Análise de componentes principais (7).....	55
Anexo B. III– Modelo de equações estruturais (quatro fatores).....	56

Anexo B. IV – Análises de Fiabilidade (Escala total; Fator 1; Fator 2; Fator 3; Fator 4; Correlação entre os fatores).....	57
Anexo B. V – Valores normativos para a escala total.....	63
Anexo B. VI – Teste <i>T-student</i> , análise da média e da variância quanto ao género.....	64
Anexo C. I – Análise de componentes principais (6).....	65
Anexo C. II – Análise Paralela (cinco componentes).....	66
Anexo C. III – Análise da extração de cinco fatores.....	67
Anexo C. IV – Modelo de equações estruturais (quatro fatores).....	69
Anexo C. V – Análises de Fiabilidade (Escala total; Fator 1; Fator 2; Fator 3; Fator 4; Correlação entre os fatores).....	70
Anexo C. VI - Valores normativos para a escala total.....	79
Anexo C. VII – Teste <i>T-student</i> , análise da média e da variância quanto ao género.....	79

Introdução

O conceito de *stress* familiar pode ser definido como o conjunto de tensões e pressões ocorridas nesse sistema (Boss, 2002). Para se adaptarem ou ultrapassarem as situações de *stress*, as famílias recorrem a um conjunto de estratégias de enfrentamento ou *coping* (Relvas, 2005), o que denuncia o grau de indissociabilidade destes dois conceitos (*stress* e *coping*).

Dois dos instrumentos de medida destas variáveis mais utilizados são o FILE e o F-COPES. O FILE (*Family Inventory of Life Events and Changes*) foi criado por McCubbin, Patterson e Wilson (1981) para medir o nível de *stress* familiar ou *pile-up* (Patterson & McCubbin, 1983) e o F-COPES (*Family Crisis Oriented Personal Scales*), criado por McCubbin, Olson e Larsen (1981), pretende identificar as estratégias de *coping* familiar (internas e externas) mais utilizadas pelo sistema familiar (Fischer & Corcoran, 2007).

Já existem versões portuguesas destas escalas realizadas por Vaz Serra, Firmino, Ramalheira e Canavarro, em 1990 (Lagarelhos, 2012). No entanto, estas encontram-se pouco atualizadas face aos procedimentos estatísticos mais contemporâneos para estudar a validade de constructo de um instrumento. Assim, dada a tendência atual para se continuarem a estudar estas variáveis (*stress* e *coping*) (Andrade & Pereira, 2012; Brito & Pereira, 2012; Dittmer, 2011; Dixe & Marques, 2010; Durão, 2010; Eaton, 2011; Li-Bin, Wen-Tao, & Yun-Xiao, 2010; Moawad, 2012; Moore, 2011; Morse, 2011; Mphuthi, 2010; Oliveira, 2010; Pedras, Pereira, & Ferreira, 2012; Rica, 2010; Son, Friedmann, & Thomas, 2012) e tendo em vista uma prática investigativa e clínica mais adequada e eficaz, o presente estudo utiliza técnicas estatísticas mais desenvolvidas (eg., Análise Fatorial Confirmatória), a fim de melhorar as versões anteriores.

I – Enquadramento conceptual

1. *Stress* e *coping*: as variáveis em destaque

O estudo do *stress* e *coping* já apresenta uma longa “caminhada” na literatura científica. Hans Selye foi o primeiro a introduzir o conceito de *stress* em 1936 (Lazarus & Folkman, 1984; Vaz Serra, 1988), de forma

Estudo de validação do Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida (FILE) e das Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família (F-COPES) numa amostra de população geral portuguesa

Carla Sofia Coimbra Antunes (e-mail: carlaantunes.pc@gmail.com) 2013

sistematizada (Vaz Serra, 2007). Este endocrinologista começou a usar o conceito para referenciar o contexto no qual o sujeito estava inserido e não um estado do organismo (Lopes & Lourenço, 2007), revertendo a tendência anterior e colocando-se, desta forma, num patamar mais sistémico. No entanto, foi desde os anos 50 que se registou um incremento da pesquisa baseada na hipótese de que o *stress* decorre de uma acumulação de situações de vida, ocupando um papel na etiologia de diversos transtornos somáticos e psiquiátricos (Olson et al., 1982).

Mais recentemente, a investigação sobre o tema tem-se dedicado aos processos que se verificam no sistema familiar (Lopes & Lourenço, 2007; Walsh, 2003). O *stress* familiar, visto como uma pressão ou tensão neste sistema (Boss, 2002), é constituído por um conjunto de interações e transições entre o sujeito/família e o seu meio ambiente, especialmente quando é observada uma incompatibilidade entre os seus recursos e a sua perceção acerca do desafio ou necessidade que enfrenta (Aldwin, 2007; Lazarus & Folkman, 1984; Olson et al., 1982; Patterson & McCubbin, 1983).

Quando falamos de *stress*, podemos avaliar a sua gravidade e amplitude através de três componentes principais (Dohrenwend, Raphael, Schwartz, Stueve, & Skodol, 1993 citado por Serra, 2005): estímulo perturbador (físico, sociocultural ou temporal) (Aldwin, 2007; Lazarus & Folkman, 1984; Ramos & Carvalho, 2007); implicação na vida da pessoa e/ou família; características pessoais e/ou familiares (“vulnerabilidades genéticas”, acontecimentos passados, características de personalidade, quociente de inteligência, crenças e valores). Portanto, o *stress* envolve sempre uma relação recíproca entre o indivíduo e o contexto no qual está inserido, podendo ter repercussões não só no presente, mas também no futuro (Lopes & Lourenço, 2007).

Numa perspetiva sistémica, o *stress* é visto como uma parte normativa do processo evolutivo de indivíduos e famílias (McCubbin & Figley, 1983 citado por Lopes & Lourenço, 2007; Walsh, 2003). O sistema familiar, em particular, encontra-se sujeito a oscilações permanentes, as quais, quando atingem determinada amplitude, aproximam-se do ponto de bifurcação onde ocorre a crise (Lopes & Lourenço, 2007; Relvas, 2005), a mudança inesperada e irreversível (Alarcão, 2000) (*problemas que se lhe impõem*)

(Ausloos, 2003). Este tipo de crises, ao contrário das crises normativas do ciclo vital familiar [problemas *que se põem* à família (Ausloos, 2003)], são imprevistas no seu começo e resolução, podendo ser devidas tanto a pressões internas, como a pressões externas (Alarcão, 2000; Lopes & Lourenço, 2007). McCubbin e Patterson (1982) citado por Olson et al. (1982) denominam a soma dos *stressores* normativos e não-normativos e das pressões intrafamiliares de *pile-up*. Esta visão teórica fornece algumas implicações ao nível psicoterapêutico, uma vez que é necessário ativar as competências da família e os seus recursos (postulado da competência das famílias), acrescentando-lhes informação nova (Ausloos, 2003). A situação de crise está ligada, então, à presença de um forte nível de *stress* e ao receio do desconhecido, sendo vista como uma ameaça ao equilíbrio familiar (Howland, 2007). No entanto, é imprescindível a um desenvolvimento saudável (Relvas, 2005). Segundo Minuchin (1979), a crise é concomitantemente ocasião de crescimento (adaptação da família para alcançar um novo equilíbrio) e risco (de patologia ou bloqueio).

O *stress* familiar pode ser estudado à luz de diferentes modelos e, focando-nos numa perspetiva sistémica, em realce no presente estudo, podemos referir os modelos propostos por Hill (1949; *ABCX Model*) e por McCubbin e Patterson (1982 e 1983; *Double ABCX Model*) como os mais unânimes e vantajosos na literatura (Relvas, 2005). O modelo de Hill postula que A (evento *stressor*) interage com B (recursos familiares face à crise), o qual, por sua vez, se conjuga com C (o significado que a família tem do acontecimento), produzindo X (produção da crise) (Olson et al., 1982; Patterson & McCubbin, 1983; Price, Price, & McKenry, 2008; Vaz Serra, 2007). O duplo A, referido no segundo modelo, engloba também o amontoado dos eventos de vida *stressantes* experienciados pela família ou *pile-up* (Olson et al., 1982; Patterson & McCubbin, 1983; Price et al., 2010; Relvas, 2005). Patterson (1989) introduz o *FAAR Model (Family Adjustment and Adaptation Response Model)*, uma evolução dos anteriores, o qual identifica, descreve e integra os componentes do processo de adaptação da família em resposta a um *stressor* e a uma crise familiar, fazendo referência, assim, às estratégias de *coping* utilizadas (Dyk & Schvaneveldt, 1987). Este modelo diz-nos que a família lida com o *stress* segundo três níveis inter-relacionados: significados situacionais, identidade familiar e ponto de vista

da família sobre o mundo (Patterson, 1989 citado por Relvas, 2005). Estes modelos, assim como outros, formam as bases do desenvolvimento de técnicas de medida do *stress* e *coping* familiar (Grotevant & Carlson, 1989).

O *coping*, segunda variável em foco e também presente no *FAAR Model*, era visto, até aos anos 70 do século passado, muito sob a alçada da psicanálise. Na verdade, Freud definia o *coping* como um mecanismo de defesa (Aldwin, 2007; Dinis, Gouveia, & Duarte, 2011; Lazarus & Lazarus, 2006). O papel de Lazarus e Folkman (1984, p.114) foi determinante para a mudança deste paradigma, definindo *coping* “como os esforços comportamentais e cognitivos, em mudança constante, que visam gerir exigências internas ou externas específicas, consideradas como excedendo ou exigindo demais dos recursos pessoais”. Outros autores também assumiram uma postura semelhante, tais como Dyk e Schvaneveldt (1987) e Grotevant e Carlson (1989). Sendo um processo dinâmico (Folkman, 1992), muda consoante as exigências e avaliações feitas à situação, revelando-se útil a uma boa adaptação (Gomes & Bosa, 2004; Monat & Lazarus, 1985). Deste modo, as estratégias de *coping* não surgem instantaneamente, mas sofrem modificações constantes ao longo do tempo (Olson et al., 1982), tentando dar respostas às exigências distintas de cada etapa do ciclo vital e à constante mutação familiar. Associada ao conceito de *coping* encontra-se a noção de resiliência familiar, um processo que implica crescimento e fortalecimento, que provém da acumulação de conhecimento e experiência do sistema (Boss, 2002). A resiliência familiar é a trajetória realizada para a adaptação e superação diante de situações de *stress* no presente, mas também em ocasiões futuras (Walsh, 2003; Yunes, 2003).

Deste modo, numa perspetiva sistémica e mais atual, o *coping* familiar, as estratégias de resolução de problemas, bem como os recursos da família [comunicação, suporte e flexibilidade (Price et al., 2008)], podem ajudar o sistema a enfrentar uma crise (Navia & Ossa, 2003; Howland, 2007). O modo como a família avalia a situação e decide o seu confronto vai determinar o seu sucesso em restabelecer o equilíbrio funcional e emocional (Howland, 2007).

As estratégias de *coping* podem ser aprendidas através de processos de modelamento, condicionamento ou podem fazer parte da própria personalidade individual e/ou familiar (Lopes & Lourenço, 2008; Vaz Serra,

2007). Estas estratégias podem centrar-se no problema, nas emoções ou na obtenção de apoio social (Vaz Serra, 2007), dependendo da situação envolvente (Smith, 1993), como podem também ser usadas em simultâneo (Monat & Lazarus, 1985). O *coping* focado no problema pretende modificar a situação causadora de *stress* (Lazarus & Folkman, 1984; Lazarus & Lazarus, 2006; Monat & Lazarus, 1985; Smith, 1993), ao passo que, quando centrado na emoção, tem por objetivo a atenuação das emoções desagradáveis e desconforto sentidos (Lazarus & Folkman, 1984; Lazarus & Lazarus, 2006; Monat & Lazarus, 1985; Smith, 1993; Vaz Serra, 2007). No que toca às estratégias que se referem à interação social, são a procura de apoio e de uma *resposta empática* que se assumem como pontos nodais (Vaz Serra, 2007).

O *coping* pode ser visto como um processo proporcionador de equilíbrio e crescimento pessoal e familiar (Olson et al., 1983; Relvas, 2004). Para isto, é fundamental a manutenção sincrónica de vários aspetos da dinâmica familiar, tais como: comunicação; organização familiar; autonomia e auto-estima dos seus membros; gestão das relações intra e extra-familiares; manutenção dos esforços para controlar as implicações do acontecimento *stressante*; quantidade de mudanças verificadas no sistema (Martins, 2008).

2. Instrumentos de medida das variáveis em estudo

Existem vários instrumentos para medir o *stress* e o *coping*. Nas Tabelas 1 e 2 encontram-se explanados os de maior relevo na literatura, destacando-se a cinzento aqueles que, sendo embora medidas individuais, se assumem como avaliando a perceção do indivíduo sobre o *stress/coping* familiares.

Tabela 1. Instrumentos de medida do *stress*.

Instrumento	Autor	Data	Nº itens	Utilização
<i>Stress Arousal Checklist</i> (SACL)	Mackay, C., Cox, T., Burrows, G., & Lazzerini, A.	1978	30	Avaliação do <i>stress</i> e dos níveis de excitação, usando adjetivos frequentemente associados a descrições de experiências <i>stressantes</i> .
<i>Family Inventory</i>	McCubbin, M.,	1981	71	Avaliação das variáveis

of Life Events and Changes (FILE)	Patterson, J., & Wilson, L.			associadas às mudanças e acontecimentos de vida normativos e inesperados, pelos quais a família passou no último ano.
Perceived Stress Scale (PSS)	Cohen, K., et al.	1988	10	Medição da percepção de <i>stress</i> .
Index of Clinical Stress (ICS)	Abell, J.	1991	25	Avaliação do <i>stress</i> subjetivo.
Family Distress Index (FDI)	McCubbin, H., Thompson, A., & Elver, K.	1996	8	Análise das angústias e aflições familiares, causadoras de <i>stress</i> .

Tabela 2. Instrumentos de medida do *coping*.

Instrumento	Autor	Data	Nº itens	Utilização
Family Crisis Oriented Personal Scales (F-COPES)	McCubbin, H., Olson, D., & Larsen, A.	1981	30	Acesso às estratégias de <i>coping</i> disponíveis e à forma como são utilizadas pela família para fazer face às adversidades.
Family Strengths (FS)	Olson, L., et al.	1982	12	Quantificação da percepção familiar de orgulho e competência, com base nos recursos disponíveis na família.
Family Function Questionnaire (FFQ)	Sawa, R.	1989	49	Exame das dificuldades de <i>coping</i> familiares.
Family Hardiness Index (FHI)	McCubbin, M., McCubbin, H., & Thompson, A.	1986	20	Cálculo da coragem/solidez familiar como mecanismo de resiliência e recurso de <i>coping</i> .
Ways of Coping Questionnaire (WCQ)	Folkman & Lazarus; revisto pelos mesmos autores.	1980; revisto em 1988	66	Medição do <i>coping</i> em situações de carácter específico.
COPE	Carver, C., Scheier, M., & Weintraub, J.	1989	60	Análise de 13 categorias distintas de <i>coping</i> .
Multidimensional Coping Inventory	Endler, N. & Parcker, J.	1990	70	Estimação do <i>coping</i> de uma forma geral.

(MCI)				
<i>Coping Strategy Indicator (CSI)</i>	Khan, A.	1990	161	Avaliação do <i>coping</i> situacional, envolvendo as estratégias de prevenção, resolução de problemas e busca de suporte social.
<i>Family Coping Coherence Index (FCCI)</i> (decorrente da criação do F-COPES)	McCubbin, H. Larsen, A., & Olson, D.	1996	4	Análise da coerência como ferramenta de <i>coping</i> familiar.
<i>Family Coping Index (FAMCI)</i>	McCubbin, H., Thompson, A., & Elver, K.	1996	24	Estimação dos esforços familiares ao nível do <i>coping</i> , associados a situações envolvendo jovens em risco, jovens infratores e jovens inseridos em programas institucionais.

3. Instrumentos FILE e F-COPES

Como verificado em cima, existe uma panóplia de instrumentos de medida das variáveis em estudo. No entanto, o presente estudo foca o FILE e o F-COPES, pois revestem-se de um carácter mais sistémico, englobando o sistema familiar e as suas transições normativas e não-normativas.

O FILE (*Family Inventory of Life Events and Changes*) é um dos instrumentos validados no presente estudo. Esta medida foi desenvolvida por McCubbin, Patterson e Wilson (1981) para avaliar as variáveis associadas às mudanças e acontecimentos de vida normativos e inesperados, pelos quais a família passou no último ano (*pile-up*) (Fischer & Corcoran, 2007; Grotevant & Carlson, 1989; Olson et al., 1982). Baseado no *Double ABC-X Model*, é constituído por 71 itens de auto-resposta, sendo que 34 deles permitem avaliar alguns factos anteriores ao último ano. A escala de resposta é dicotómica (“Sim”/“Não”), correspondendo uma pontuação mais elevada a um valor mais elevado de *stress* na família (Olson et al., 1982). Pode ser preenchido a partir dos 12 anos.

A primeira versão deste instrumento, desenvolvida por McCubbin, Patterson e Wilson (1980), era constituída por 171 itens divididos em 8 categorias. A escolha dos itens resultou da experiência clínica e de

investigação, particularmente no que toca aos *stressores* familiares descritos na literatura (Fischer & Corcoran, 2007; McCubbin, Thompson, & McCubbin, 2001; Olson et al., 1982). Mais tarde, o inventário foi reduzido a 71 itens. Estes aparecem agrupados em nove fatores: “tensões intrafamiliares”; “tensões conjugais”; “tensões relativas à gravidez e maternidade”; “tensões relativas a questões financeiras”; “tensões/mudanças familiares devidas ao trabalho”; “tensões relacionadas com problemas ou cuidados de saúde”; “perdas”; “movimento de “entradas e saídas” na família”; “problemas legais” (Olson et al., 1982; Patterson & McCubbin, 1983).

A adaptação portuguesa do FILE foi elaborada por Vaz Serra, Ramalheira e Sousa Canavarro (1990). Este instrumento revelou boas características psicométricas na população portuguesa. No entanto, a sua estrutura fatorial não se revelou muito satisfatória (Lagarelhos, 2012).

Por seu lado, o F-COPES (*Family Crises Oriented Personal Evaluation Scales*) foi criado por McCubbin, Olson e Larsen (1981) para aceder às estratégias de *coping* disponíveis e à forma como são utilizadas pelo sistema familiar para responder às adversidades (Grotevant & Carlson, 1989). O instrumento contém 30 itens com declarações relativas às possíveis respostas da família face a problemas e dificuldades a ela colocados. Numa versão posterior dos autores (Olson et al., 1982; Olson, McCubbin, Barnes, Larsen, Muxen, & Wilson, 1983) e na versão portuguesa desenvolvida por Vaz Serra e col. em 1990 (versão adaptada por Mendes e Relvas, 1999), consideram-se 29 itens. A partir de uma escala de 5 pontos, o sujeito deverá referir em que medida concorda ou discorda da afirmação apresentada (Grotevant & Carlson, 1989). O seu preenchimento é indicado a partir dos 12 anos.

Baseando-se nas dimensões de *coping* do *Double ABC-X Model*, [*pile-up*; recursos familiares; significado familiar para o acontecimento *stressante* (Olson et al., 1982)], o F-COPES expõe cinco fatores distintos: “aquisição de apoio social”, “reenquadramento”, “busca de apoio espiritual”, “mobilização de família” e “avaliação passiva” (Grotevant & Carlson, 1989; Olson et al., 1982).

Assim, esta escala avalia dois grandes tipos de estratégias de *coping* familiar: estratégias internas e estratégias externas (Olson et al., 1983). As

primeiras dizem respeito à maneira como cada sujeito lida com as dificuldades, fazendo uso dos recursos existentes no seio familiar. As estratégias externas encontram-se relacionadas com o comportamento que cada sujeito desempenha para obter novos recursos de enfrentamento fora da família (Olson et al., 1983). Especificamente, as estratégias internas medidas pelo F-COPES são o “reenquadramento” (aptidão da família para redefinir as experiências desencadeadoras de *stress*) e a “avaliação passiva” (atitudes menos ativas da família no confronto com o *stress*, englobando um nível menor de responsabilidade e auto-iniciativa) (Olson et al., 1983). No que concerne às estratégias externas, podemos, então, referir: “adquirir apoio social” (competência da família em ativar recursos provenientes das redes primária e secundária); “procura de apoio espiritual” (capacidade do sistema familiar para se envolver na procura de auxílio espiritual); “mobilizar a família para conseguir e aceitar ajuda” (competência da família para procurar recursos na sua comunidade e aceitar a ajuda de terceiros que lhe é facultada). Neste estudo realizado por Olson et al. (1983), as estratégias referidas como mais proficuas são “procurar suporte espiritual” e “reenquadramento”. Estas estratégias eram utilizadas não só perante uma situação problemática, mas também na prevenção de potenciais questões futuras. No entanto, de ressaltar que a amostra era constituída por sujeitos de forte orientação religiosa (Olson et al., 1983).

De mencionar ainda as boas características psicométricas da escala (Fischer & Corcoran, 2007).

Após a descrição explanada acima, é perceptível a importância destas medidas quando falamos da abordagem familiar. Através do auto-relato de cada elemento da família e de acordo com a abordagem teórica em foco, é certo que o que acontece com cada membro influencia todo o sistema (princípio hologramático). Assim, além de uma avaliação das situações desencadeadoras de experiências de *stress* no sistema familiar (FILE), o F-COPES aparece como complemento ao inventário anterior, trazendo algo de novo, a novidade que poderá estar associada à mudança do próprio sistema. Falo, pois, das estratégias de *coping* utilizadas pela família para fazer frente aos acontecimentos de *stress*, salientando a competência inerente às famílias para “resolver os problemas *que se lhe põem*” (Ausloos, 2003, p.55), uma vez que “uma família só se pode colocar problemas que seja capaz de

resolver” (postulado da competência) (Ausloos, 2003, p.55). Encontrando-se em constante evolução (Alarcão, 2000), a família consegue dar, assim, o salto qualitativo para uma mudança que se vislumbra iminente e imprescindível.

4. Investigação recente utilizando os instrumentos FILE e F-COPES

Partindo de uma pesquisa em bases de dados nacionais e internacionais (eg. Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP); B-on (Online Knowledge Library); Proquest e EbscoHost), dando primazia aos estudos realizados a partir de 2010 e que evidenciam a perspetiva sistémica, foi possível verificar um maior número de estudos usando o instrumento F-COPES (14). Este facto pode estar relacionado com as reticências postas à estrutura fatorial do FILE (não foi encontrada qualquer referência a estudos fazendo uso desta medida sem associação ao F-COPES).

Os estudos e investigações que recorreram ao F-COPES como medida exploratória encontram-se repartidos por diversos temas ou focos de análise (“Doença crónica”; “Saúde e comportamentos aditivos”; “Doença mental”; “Necessidades Educativas Especiais (NEE)”; “Abuso sexual”; “Perda e processo de luto”; “Variações ao ciclo vital da família”) (Cf. Tabela 3).

Tabela 3. Investigações realizadas com o F-COPES desde 2010.

Tema	Autor	Data	Título
“Doença crónica”	Mphuthi, D.	2010	“Coping behaviours of haemodialysed patients’ families in a private clinic in Gauteng”.
	Morse, R.	2011	“Smith-magenis syndrome: maladaptive behaviors and effects on parent stress, coping, and family adjustment”.
	Hansell, P.	2011	“Stress, coping, social support and problems experienced by caregivers of children with HIV/AIDS”.
	Brito, L. & Pereira, M.	2012	“Variáveis individuais e familiares na Psoríase: Um estudo com doentes e parceiros”.
“Saúde e comportamentos	Andrade, N. & Pereira, M.	2012	“Preditores da qualidade de vida em fumadores e abstinentes”.

aditivos			
“Doença mental”	Richardson, D.	2011	“Influence of support systems and internal system resources on family well-being of caregivers of a depressed family member”.
	Eaton, P.	2011	“Exploring coping strategies of culturally diverse family members of psychiatric patients”.
	Son, H., Friedmann, E., & Thomas, S.	2012	“Changes in depressive symptoms in spouses of post myocardial infarction patients”.
“Necessidades Educativas Especiais (NEE)”	Dixe, M. & Marques, M.	2010	“Famílias com e sem filhos autistas: Funcionalidade, estratégias de <i>coping</i> familiar e bem-estar pessoal”.
	Li-Bin, L. et al.	2010	“Investigation on feasibility of F-COPES in Chinese version applied in the parents of children with autism”.
	Moawad, G.	2012	“Coping strategies of mothers having children with special needs”.
“Abuso sexual”	Dittmer, M.	2011	“Factors associated with participation and retention in a group treatment for child sexual abuse”.
“Perda e processo de luto”	Durão, V.	2010	“Análise da perceção da Qualidade de Vida e das estratégias de <i>Coping</i> familiares na experiência de perda e no processo de luto: um estudo exploratório”.
“Variações ao ciclo vital da família”	Rica, S.	2010	“Perceção do <i>Coping</i> e da Qualidade de Vida em Diferentes Formas de Família (Famílias Nucleares Intactas; Famílias Pós-Divórcio e Famílias Reconstituídas) ”.

Quanto ao tema-base, verifica-se uma tendência atual para o estudo das temáticas “Doença crónica”, “Doença mental” e “NEE”.

No que concerne aos estudos concretizados com aplicação das duas medidas em foco, o número é bastante mais reduzido (3), verificando-se uma distribuição uniforme por três temas distintos e pelos três últimos anos (Cf. Tabela 4).

Estudo de validação do Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida (FILE) e das Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família (F-COPES) numa amostra de população geral portuguesa
Carla Sofia Coimbra Antunes (e-mail: carlaantunes.pc@gmail.com) 2013

Tabela 4. Investigações realizadas com o FILE e o F-COPES desde 2010.

Tema	Autor	Data	Título
“Doença crónica”	Pedras, S., Pereira, M., & Ferreira, G.	2012	“Influência das variáveis familiares nos auto-cuidados em diabéticos tipo 2”.
“Doença mental”	Moore, N.	2011	“Factors related to adaptation in the intimate relationships of veterans with posttraumatic stress disorder”.
“Estudos de género”	Oliveira, I.	2010	“Género e sua influência na percepção do <i>stress</i> e <i>coping</i> familiares”.

De salientar, ainda, que dois destes estudos são portugueses. Os temas “Doença crónica”, “Doença mental” e “Estudos de género” continuam a persistir, vislumbrando-se uma tendência investigativa destes temas.

Em suma, torna-se evidente que os instrumentos FILE e F-COPES são extremamente úteis na investigação sobre a família, tendo sido utilizados num conjunto de estudos nacionais e internacionais e revelando por isso, um carácter versátil e atual.

Sendo assim, torna-se necessária a constante atualização destas medidas, nomeadamente, através de técnicas estatísticas mais avançadas, como a Análise Fatorial Confirmatória.

II - Objetivos

É notória a crescente necessidade de permanente validação e adaptação dos instrumentos de avaliação, assumindo-se a validade - “que se refere à natureza apropriada, ao significado e à utilidade das inferências formuladas a partir dos resultados de um instrumento” (Simões, 1994, p.35) – como o critério fulcral à estimação da qualidade e adequabilidade das medidas de avaliação.

Procurando tornar disponíveis os instrumentos FILE (*Family Inventory of Life Events and Changes*) e F-COPES (*Family Crisis Oriented Personal Scales*) para a prática clínica e investigação no nosso país, o presente estudo tem como objetivo adaptar estas medidas. Mais especificamente pretende-se:

Estudo de validação do Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida (FILE) e das Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família (F-COPES) numa amostra de população geral portuguesa
Carla Sofia Coimbra Antunes (e-mail: carlaantunes.pc@gmail.com) 2013

- Realizar estudos de validade: Análise Fatorial Exploratória, Análise Fatorial Confirmatória (correlações item-total e correlação entre sub-escalas);
- Realizar estudos de precisão (Consistência interna).

III - Metodologia

Descrição da amostra

A amostra utilizada para a validação destes dois instrumentos é constituída por 534 sujeitos (Cf. Anexo A.). Destes, 487 formaram a amostra correspondente à validação do FILE. Tomando como referência a amostra total, 31,8% dos indivíduos correspondem ao género masculino e 68,2% ao género feminino. A média de idades dos sujeitos é 40,66 anos e varia entre os 12 e os 81 (desvio-padrão = 16,24).

Quanto às habilitações literárias, a amostra constitui um grupo muito heterogéneo, que vai desde menos do 4º ano ao ensino superior. No entanto, há uma maior percentagem de pessoas com estudos deste último nível (22,7%). No que toca ao nível socioeconómico, os sujeitos foram agrupados de acordo com os critérios de Simões (1994), pertencendo a maioria dos sujeitos ao nível médio (56,7%). No que se refere ao local de residência, a amostra encontra-se uniformemente dividida, representando a população predominantemente urbana 34,3% da amostra, a população medianamente urbana 32,8% e a população predominantemente rural 30,5%.

Desta amostra, 339 sujeitos são casados (63,5%), 83 são solteiros (15,5%), 55 vivem em união de facto (10,3%), 24 são divorciados (4,5%), 5 são separados (0,5%) e 13 são viúvos (2,4%).

Tendo como referência as etapas do ciclo vital apresentadas por Olson e col. (1983), a amostra contém 161 “famílias lançadoras” (30,1%), 82 famílias com “filhos adolescentes” (15,4%), 75 “casais sem filhos” (14%), 69 “famílias ninho vazio” (12,9%), 66 com “filhos em idade escolar” (12,4%), 61 com “filhos pequenos ou pré-escolar” (11,4%) e 10 “famílias na reforma” (1,9%). Dos sujeitos representados através da amostra em estudo, 420 pertencem a famílias intactas (78,7%).

Materiais/Instrumentos

A informação que baseia este estudo resulta da aplicação de um protocolo de investigação composto por três instrumentos:

- Questionário Demográfico: permite a caracterização da amostra, pois contém dados relativos ao género, idade, estado civil, habilitações literárias, área de residência, nível socioeconómico, entre outros;

- FILE (*Family Inventory of Life Events and Changes*): inventário destinado a avaliar variáveis relativas às mudanças e acontecimentos de vida normativos e inesperados, experienciados pelo sistema familiar no período de tempo correspondente ao último ano. Esta medida de auto-resposta é composta por 71 itens e nove fatores na sua estrutura fatorial (“tensões intrafamiliares”; “tensões conjugais”; “tensões relativas a gravidez e maternidade”; “tensões relativas a questões financeiras”; “tensões/mudanças familiares devidas ao trabalho”; “tensões relacionadas com problemas ou cuidados de saúde”; “perdas”; “movimento de entradas e saídas na família”; “problemas legais”). A versão original deste instrumento apresentou um coeficiente de consistência interna razoável (*Alpha* de Cronbach =.72) (Pestana & Gageiro, 2008). No trabalho mais recente de validação deste instrumento em Portugal, este coeficiente registou um incremento no seu valor (*alpha* =.81), considerando-se bom, segundo Pestana e Gageiro (2008).

- F-COPES (*Family Crisis Oriented Personal Scales*): medida que avalia as estratégias de *coping* internas e externas usualmente utilizadas pela família. Esta escala de auto-relato é constituída por 29 itens, os quais são agrupados em cinco fatores diferenciados: “aquisição de apoio social”, “reenquadramento”, “busca de apoio espiritual”, “mobilização de família” e “avaliação passiva”. O coeficiente *alpha* apresentado para a escala original foi de .86 (McCubbin et. al., 1996, citado por Martins, 2008), considerando-se bom (Pestana & Gageiro, 2008). O estudo mais atual de adaptação desta escala no nosso país apresenta um coeficiente *alpha* de Cronbach de .85, indicador de uma boa consistência interna (Pestana & Gageiro, 2008), sendo semelhante ao da versão original.

Neste estudo, foi utilizada a versão portuguesa do FILE, traduzida e adaptada por A. Vaz Serra, H. Firmino, C. Ramalheira e M. C. Sousa Canavarro, em 1990. Quanto ao F-COPES, foi usada a versão do NUSIAF – Sistémica (2008), primando-se a maior atualidade da medida (não foi

utilizada a versão traduzida e adaptada por A. Vaz Serra, H. Firmino, C. Ramalheira e M. C. Sousa Canavarro, em 1990).

Procedimentos de investigação

A amostra do presente estudo resultou da junção de todas as amostras recolhidas, com os instrumentos em análise, pelos mestrandos da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra na área de Psicologia Sistémica e da Família, no período decorrido entre 2007 e 2010 (e.g., Azevedo, 2007; Batista, 2008; Coelho, 2009; Rica, 2010). Assim, é possível referir que se trata de uma amostra de conveniência. No entanto, através da leitura destas teses, vislumbra-se que o objetivo da sua heterogeneidade foi tido em conta no momento da recolha.

Da consulta de todos estes estudos, depreendeu-se que o preenchimento do protocolo de investigação foi feito individualmente, assim como o contacto com os respondentes. Em cada sessão de preenchimento estiveram presentes apenas o investigador e o respondente em questão, respeitando-se as condições consideradas apropriadas para a aplicação de testes psicológicos. As instruções de administração dos protocolos foram dadas por investigadores com experiência no campo da investigação, respeitando a seguinte ordem: apresentação do investigador como elemento da equipa de investigação; exposição dos objetivos subjacentes ao estudo; breve agradecimento pela colaboração na investigação; indicação e garantia do total anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos; introdução do questionário sociodemográfico, do FILE e do F-COPES; agradecimento final. Aquando do surgimento de dúvidas por parte do respondente, o investigador apenas releu os itens em voz alta e de forma lenta, de modo a evitar a deturpação do sentido original da questão. Este tipo de leitura verificou-se em maior escala perante sujeitos respondentes de faixa etária mais avançada.

IV – Apresentação e interpretação dos resultados

Tendo em consideração a extensão do presente trabalho, bem como a sua natureza (estudos psicométricos) que pouco beneficiaria de uma discussão “tradicional”, optou-se por apresentar uma interpretação dos

resultados e não uma discussão propriamente dita.

A análise estatística dos dados foi realizada através da versão 20.0 para *Windows* do programa SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*) e através do seu suplemento AMOS 20.0.

4.1. Estudos referentes ao FILE

Estudos preliminares – estudos de fiabilidade e pressupostos da Análise Fatorial Exploratória

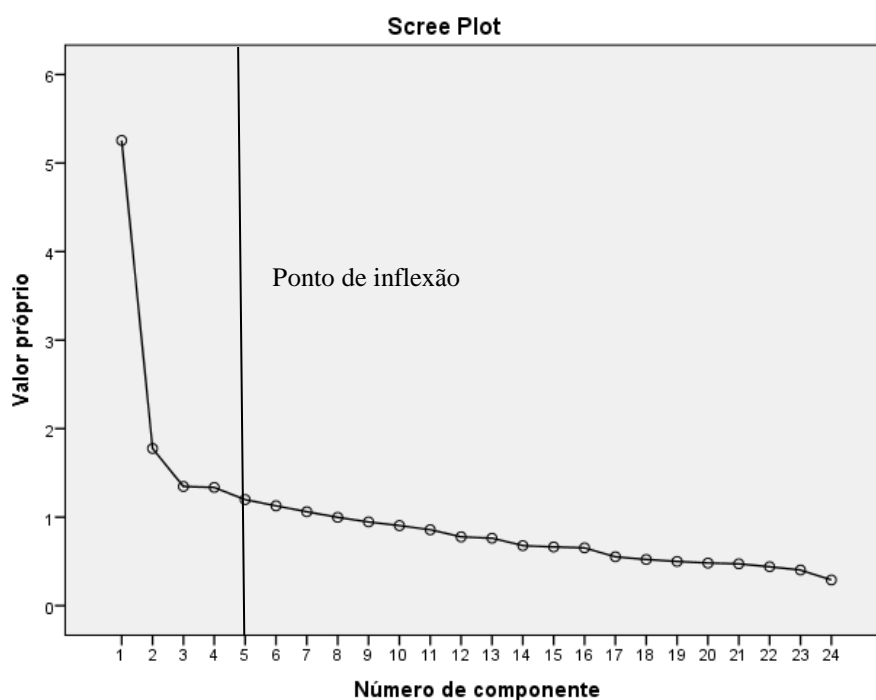
O valor do *alpha* de Cronbach, obtido a partir das análises de fiabilidade da amostra, mostrou-se bom (*alpha* = .85) (Pestana & Gageiro, 2008). No entanto, existem vários itens (2, 4, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 31, 32, 33, 37, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70 e 71) que, se se mantivessem na análise, piorariam o valor do *alpha*. Por esta razão, os itens referidos foram eliminados.

Procedeu-se à medida da validade do instrumento a partir do método estatístico da Análise Fatorial. Considerando a informação decorrente do índice Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e do teste de esfericidade de Bartlett, verifica-se que a amostra cumpre os pressupostos para a realização de uma análise fatorial exploratória, observando-se um bom índice de adequação (KMO = .82) (Murphy & Davidsholder, 1988 citado por Maroco & Garcia-Marques, 2006) e correlações estatisticamente significativas entre as variáveis que constituem a matriz fatorial ($\chi^2 = 2513,03$; $df = 276$; $p = <.001$).

De seguida, procurou-se sintetizar o conjunto de relações inter-variáveis deste inventário, recorrendo-se à determinação de uma estrutura fatorial, a partir de uma análise fatorial em componentes principais (AFE), seguida de uma rotação varimax (Cf. Anexo B. I). Foi encontrada uma solução composta por um fator, com *eigenvalue* superior a um, e responsável por 21,90% da variância explicada (Cf. Tabela 5). O gráfico de *scree plot*, ajustado ao critério de Cattell, apresenta-nos uma solução de quatro fatores como solução (Cf. Figura 1).

Tabela 5. Total de variância explicada (Um fator).

Componente	Eigenvalues			Rotação da soma dos quadrados		
	Total	% de Variação	% Cumulativa	Total	% de Variação	% Cumulativa
1	.256	21,90	21,90	.256	21,90	21,90

Figura 1. Componentes extraídos em função dos *eigenvalues*, com retenção de 4 fatores (ponto de inflexão).

De seguida procedeu-se à realização de uma análise fatorial exploratória, extraíndo-se quatro fatores (rotação varimax), tal como nos indica o gráfico de *scree plot* (Cf. Figura 1). Muitos dos itens saturaram em mais do que um componente e alguns apresentaram saturações abaixo do requerido como referência para a aceitabilidade psicométrica [correlações superiores a .300 (McCrae & Costa, 1994 citado por Lima, 1997)]. Eliminados os itens com saturações baixas e com saturação em mais do que um fator, ficámos com um total de trinta itens, distribuídos por quatro fatores (Cf. Tabela 6): o fator 1 (itens 1, 3, 4, 5, 14, 15, 16, 17, 21, 29 e 33) diz respeito a tensões existentes dentro do sistema familiar; o fator 2 (itens 40, 42, 48, 50, 51, 52, 53 e 54) engloba itens relacionados com questões de

doença/saúde e trabalho (neste caso, cessação deste); o fator 3 (itens 7, 8, 9, 10, 13 e 34) faz alusão às preocupações com os filhos; o fator 4 (itens 18, 20, 27, 46 e 60) agrupa itens que se referem a mudanças estruturais no sistema familiar (e.g., divórcio, mudança de casa, recurso a ajuda exterior).

Tabela 6. Matriz de rotação dos quatro componentes.

	Componente			
	1	2	3	4
F 5	.684			
F 15	.639			
F 17	.628			
F 21	.601			
F 16	.589			
F 3	.506			
F 33	.442			
F 14	.410			
F 4	.370			
F 1	.364			
F 29	.318			
F 51		.642		
F 50		.636		
F 52		.628		
F 53		.503		
F 48		.485		
F 42		.440		
F 54		.426		
F 40		.355		
F 8			.695	
F 9			.643	
F 7			.623	
F 13			.504	
F 10			.420	
F 34			.343	
F 20				.651
F 18				.612
F 27				.572
F 46				.532
F 60				.348

A estrutura deste modelo fatorial reduzido foi, então, lida em termos teóricos, tendo-se atribuído uma denominação a cada fator (Cf. Tabela 7).

Tabela 7. Estrutura fatorial do modelo.

Nome do fator	Itens englobados no fator
Tensões intrafamiliares	1. Aumento do período de tempo que o pai/marido... 3. Um dos membros parece... 4. Um dos membros aparenta estar dependente... 5. Aumento dos conflitos... 14. Aumento do desagrado a respeito dos amigos... 15. Aumento do número de problemas e assuntos... 16. Aumento do número de tarefas ou objectivos... 17. Aumento dos conflitos com os parentes... 21. Aumento das dificuldades de relacionamento sexual... 29. Mudança nas Taxas de Juro, “Bolsa de Valores”... 33. Aumento das dívidas...
Tensões relacionadas com a doença e com o trabalho	40. Um dos membros... 42. Um dos membros deixou de trabalhar... 48. Um dos cônjuges, ou pais, ficou muito doente... 50. Um parente próximo ou um amigo... 51. Um dos membros ficou incapacitado... 52. Aumento das dificuldades em lidar com... 53. Um dos membros ou um amigo íntimo deu entrada... 54. Aumento das responsabilidades de prestação...
Tensões relacionadas com os filhos	7. Aumento dos conflitos entre os... 8. Aumento das dificuldades em lidar com os... 9. Aumento das dificuldades em lidar com os filhos... 10. Aumento das dificuldades em lidar com os filhos em... 13. Aumento das actividades “fora de casa”... 34. Aumento da tensão na família por gastos...
Mudanças estruturais no sistema familiar	18. O cônjuge, ou um dos pais, separou-se... 20. Aumento das dificuldades em resolver... 27. Recorremos à assistência... 46. A família mudou... 60. Divórcio de...

De forma a percebermos a adequabilidade deste modelo em termos estatísticos, recorreremos à Análise Fatorial Confirmatória (AFC). Recorrendo ao método da Máxima Verossimilhança, o modelo reduzido mostrou-se desadequado em termos estatísticos (Maroco, 2008). Face a isto, testou-se o mesmo modelo, incluindo somente os itens com saturações fatoriais superiores a .50 (retiraram-se os itens 1, 4, 10, 14, 29, 33, 34, 40, 42, 48, 54 e 60).

Observando a estrutura fatorial do modelo reduzido (18 itens), é possível afirmar que esta respeita e é congruente com a natureza teórica do modelo que lhe deu origem (*Double ABC-X Model*). Ora vejamos, os autores do modelo *ABC-X* definem um *stressor* como “uma situação para a qual a família não está preparada ou tem pouca preparação” (Olson et al., 1982, p.106), incluindo eventos ligados à parentalidade, às dificuldades de relacionamento, à doença, ao divórcio, às mudanças de residência, entre outros (Olson et al., 1982). Facilmente constatamos que todos esses eventos se encontram representados na nova estrutura fatorial, a saber: parentalidade – fator “Tensões relacionadas com os filhos”; dificuldades de relacionamento – fatores “Tensões intrafamiliares”, “Tensões relacionadas com os filhos” e “Mudanças estruturais no sistema familiar”; doença – fator “Tensões relacionadas com a doença”; divórcio e mudanças de residência – fator “Mudanças estruturais no sistema familiar”.

Comparando a variância explicada por este modelo reduzido (18 itens) e pelo modelo original, verifica-se que o primeiro é responsável por mais 41,07% da variância (Cf. Anexo B. II). Segundo Tinsley e Tinsley (1987) citado por Damásio (2012), as investigações em Psicologia apresentam, geralmente, percentagens de variância explicada inferiores a 50%, facto que acaba por dar um maior realce à percentagem obtida pelo modelo reduzido.

O modelo reduzido derivado daqui apresenta os quatro fatores relacionados entre si (Cf. Anexo B. III). Utilizou-se o conjunto de indicadores de ajustamento que se segue: χ^2 e *p-value*, χ^2/df , CFI, PCFI e RMSEA. Privilegiaram-se os indicadores CFI e PCFI em detrimento dos indicadores GFI e PGFI, pois os primeiros são indicados para medir o ajustamento, quando a amostra tem uma base populacional, ou seja, analisa o modelo de ajuste através da discrepância entre os dados e o modelo de hipótese (Sun, 2005). Além disto, existe um consenso na literatura quanto à não empregabilidade das medidas GFI e PGFI (Sharma, Mukherjee, Kumar, & Dillon, 2005). Na generalidade, os índices de ajustamento do modelo revelaram-se adequados - $\chi^2 = 364.66$ ($p < .001$), $\chi^2/df = 2.83$, CFI = .83, PCFI = .62, RMSEA: .06 (Lo = .05, Hi = .07) – pois o χ^2/df encontra-se no intervalo]2;5] (ajustamento tolerável), o índice de CFI situa-se no intervalo [.8;.9] (ajustamento tolerável), o PCFI encontra-se no intervalo [.6;.8] (ajustamento bom) e o RMSEA situa-se no intervalo [.05;.10] (ajustamento

bom) (Maroco, 2008). Os índices de modificação não foram utilizados neste modelo.

De notar que, embora de forma não intencional, o resultado final decorrente das análises efetuadas foi uma versão reduzida do inventário e não um simples trabalho de *validação do mesmo*.

Estudos de precisão

Realizou-se um estudo da consistência interna da escala, englobando os 18 itens resultantes da sua versão reduzida final. A medida *alpha* de Cronbach foi utilizada para determinar a fidelidade do inventário, tendo-se alcançado um valor de .71 (Cf. Anexo B. IV), indicador de uma fidelidade baixa, mas aceitável (Murphy, & Davidsholder, 1988 citado por Maroco & Garcia-Marques, 2006).

Note-se que a consistência interna total aumentaria se os itens 13 e 46 fossem eliminados (Cf. Tabela 8). No entanto, estes itens não foram excluídos, uma vez que o incremento resultante não justificaria a perda teórica destes itens.

Tabela 8. Relação Item/ Escala Total.

Itens	Correlação Item/Total	<i>Alpha</i> de Cronbach (se o item fosse eliminado)
F 3	.41	.69
F 5	.40	.69
F 7	.33	.70
F 8	.37	.70
F 9	.28	.70
F 13	.16	.72
F 15	.50	.68
F 16	.44	.69
F 17	.34	.70
F 18	.28	.71
F 20	.28	.71
F 21	.37	.70
F 27	.21	.71
F 46	.12	.72
F 50	.22	.71
F 51	.19	.71
F 52	.32	.70

F 53	.16	.71
------	-----	-----

Considerando a relação verificada entre cada item e a escala no seu todo (Cf. Tabela 8) (Cf. Anexo B. IV) e tendo como base os critérios apresentados por Garrett (1962) citado por Simões (1994), nove itens do instrumento em análise apresentam baixas correlações com a escala total (itens 9, 13, 18, 20, 27, 46, 50, 51 e 53). Estas baixas correlações estão ligadas à heterogeneidade de temas abordados pelo inventário. Desta forma, é possível concluir que não há homogeneidade dos itens, uma vez que existe um grande número de correlações com a escala total abaixo do considerado adequado (Garrett, 1962 citado por Simões, 1994).

Considerando os resultados obtidos a partir da realização das estatísticas descritivas da escala (Cf. Tabela 9), observa-se uma oscilação entre um valor mínimo de .03 (itens 18 – “O cônjuge, ou um dos pais, separou-se ou divorciou-se.” e 27 - “Recorremos à assistência social.”) e máximo de .43 (item 3 – “Um dos membros parece andar nervoso.”), encontrando-se este último um pouco acima da média da totalidade dos itens (média = .12). Observando a disseminação dos resultados, os itens 3 (“Um dos membros parece andar nervoso.”), 9 (“Aumento das dificuldades em lidar com os filhos em idade escolar (6-12 anos).”), 13 (“Aumento das atividades “fora de casa” em que os filhos estão envolvidos.”), 16 (“Aumento do número de tarefas ou objetivos que não são concluídos.”) e 50 (“Um parente próximo ou um amigo de família ficou gravemente doente.”) aparentaram ter uma maior variabilidade de respostas, inversamente ao que se visualizou nos itens 18 (“O cônjuge, ou um dos pais, separou-se ou divorciou-se.”) e 27 (“Recorremos à assistência social.”) (Cf. Tabela 9).

Tabela 9. Valores estatísticos dos itens da escala.

Item	Média	Desvio padrão
F 3	.43	.50
F 5	.12	.33
F 7	.07	.26
F 8	.10	.30
F 9	.13	.41
F 13	.21	.41
F 15	.19	.39
F 16	.20	.40
F 17	.09	.28
F 18	.03	.18

F 20	.05	.22
F 21	.08	.28
F 27	.03	.17
F 46	.10	.30
F 50	.20	.40
F 51	.09	.29
F 52	.06	.24
F 53	.06	.23

De seguida apresenta-se uma análise individual de cada fator do instrumento (modelo reduzido com 18 itens que se mostrou adequado segundo a análise fatorial confirmatória).

O fator 1 – Tensões intrafamiliares- apresenta um *alpha* de Cronbach de .72 (Cf. Anexo B. IV), sendo considerado baixo, mas não inaceitável (Murphy & Davidsholder, 1988 citado por Maroco & Garcia-Marques, 2006). As correlações item/total deste fator variam entre .40 e .54, sendo aceitáveis (Garrett, 1962 citado por Simões, 1994) (Cf. Tabela 10). Todos os itens deste fator contribuem para a sua consistência, dado que a eliminação de cada um deles se repercute na diminuição da mesma (Cf. Tabela 10). A maioria das correlações inter-item são baixas, embora significativas ($p < .01$) (Cf. Anexo B. IV).

Tabela 10. Relação Item/Escala Total (Fator 1 – Tensões intrafamiliares)

Itens do fator	Correlação Item/Total	<i>Alpha</i> de Cronbach (se o item for eliminado)
3	.41	.71
5	.52	.67
15	.54	.66
16	.50	.67
17	.40	.70
21	.44	.69

O fator 2 – Tensões relacionadas com a doença - apresenta um *alpha* de Cronbach de .58 (Cf. Anexo B. IV), o qual é indicador de uma fiabilidade inaceitável (Murphy & Davidsholder, 1988 citado por Maroco & Garcia-Marques, 2006). Os valores da correlação item/total deste fator variam entre .29 e .43 (Cf. Tabela 11), os quais são aceitáveis, à exceção da correlação apresentada pelo item 53 (Garrett, 1962 citado por Simões, 1994). Todos os itens contribuem para o valor de *alpha* apresentado (Cf. Tabela 11). As

correlações inter-item neste fator são, maioritariamente, baixas, embora significativas ($p < .01$) (Cf. Anexo B. IV). A correlação mais elevada regista-se entre os itens 51 (“Um dos membros ficou incapacitado fisicamente ou passou a sofrer de uma doença crónica.”) e 52 (“Aumento das dificuldades em lidar com um dos membros incapacitado ou cronicamente doente.”), o que pode estar relacionado com o facto dos dois itens se focarem na doença crónica e nas suas implicações.

Tabela 11. Relação Item/ Escala Total (Fator 2 – Tensões relacionadas com a doença)

Itens do fator	Correlação Item/Total	Alpha de Cronbach (se o item for eliminado)
50	.39	.53
51	.42	.47
52	.43	.48
53	.29	.57

O fator 3 – Tensões relacionadas com os filhos - apresenta um *alpha* de Cronbach de .58 (Cf. Anexo B. IV), o qual é considerado inaceitável (Murphy & Davidsholder, 1988 citado por Maroco & Garcia-Marques, 2006). As correlações item/total deste fator oscilam entre .28 e .46, sendo aceitáveis, excluindo desta consideração o item 13 (Garrett, 1962 citado por Simões, 1994) (Cf. Tabela 12). Da observação da Tabela 12, pôde-se comprovar que o item 13 (“Aumento das actividades “fora de casa” em que os filhos estão envolvidos.”), se eliminado, contribuiria para um aumento da consistência interna deste fator. No entanto, não se procedeu à sua remoção devido ao facto da possível perda de informação daqui decorrente, sendo este o único item que estabelece a ponte entre o sistema familiar e os sistemas de maior dimensão no qual este se encontra inserido. De referir que a maioria das correlações inter-item neste fator são baixas, mas significativas ($p < .01$) (Cf. Anexo B. IV). De destacar que as correlações mais elevadas se registam entre os itens 7 (“Aumento dos conflitos entre os diversos filhos na família.”) e 8 (“Aumento das dificuldades em lidar com os adolescentes da família.”) e entre este último e o item 9 (“Aumento das dificuldades em lidar com os filhos em idade escolar (6-12 anos).”). A primeira correlação pode dever-se às dificuldades relacionais que pautam o período da adolescência (Alarcão, 2000), enquanto a segunda engloba as dificuldades de

relacionamento com os filhos no geral.

Tabela 12. Relação Item/ Escala Total (Fator 3 – Tensões relacionadas com os filhos)

Itens do fator	Correlação Item/Total	Alpha de Cronbach (se o item for eliminado)
7	.37	.51
8	.46	.43
9	.38	.49
13	.28	.60

O fator 4 – Mudanças estruturais no sistema familiar - apresenta um *alpha* de Cronbach de .53 (Cf. Anexo B. IV), traduzindo um índice de fiabilidade inaceitável (Murphy & Davidsholder, 1988 citado por Maroco & Garcia-Marques, 2006). As correlações item/total deste fator variam entre o mínimo de .27 e um máximo de .40, detendo correlações aceitáveis, à exceção do item 46 (Garrett, 1962 citado por Simões, 1994) (Cf. Tabela 13). Este item, se eliminado, aumentaria a consistência interna do fator (Cf. Tabela 13). Apesar disto, não foi removido salvaguardando a informação que poderia ser perdida neste fator, pois é o único item que se refere a mudanças no espaço do sistema familiar. As correlações inter-item são maioritariamente desadequadas, mas todas significativas ($p < .01$) (Cf. Anexo B. IV). A única correlação considerada adequada é visualizada entre os itens 18 (“O cônjuge, ou um dos pais, separou-se ou divorciou-se.”) e 20 (“Aumento das dificuldades em resolver questões com o ex-cônjuge.”), os dois ligados às dificuldades de relacionamento conjugais.

Tabela 13. Relação Item/ Escala Total (Fator 4 – Mudanças estruturais no sistema familiar)

Itens do fator	Correlação Item/Total	Alpha de Cronbach (se o item for eliminado)
18	.40	.41
20	.37	.42
27	.32	.47
46	.27	.55

No que toca à análise da correlação existente entre os diversos fatores (Cf. Anexo B. IV), de referir que todos os fatores apresentam correlações entre si consideradas desadequadas, embora significativas

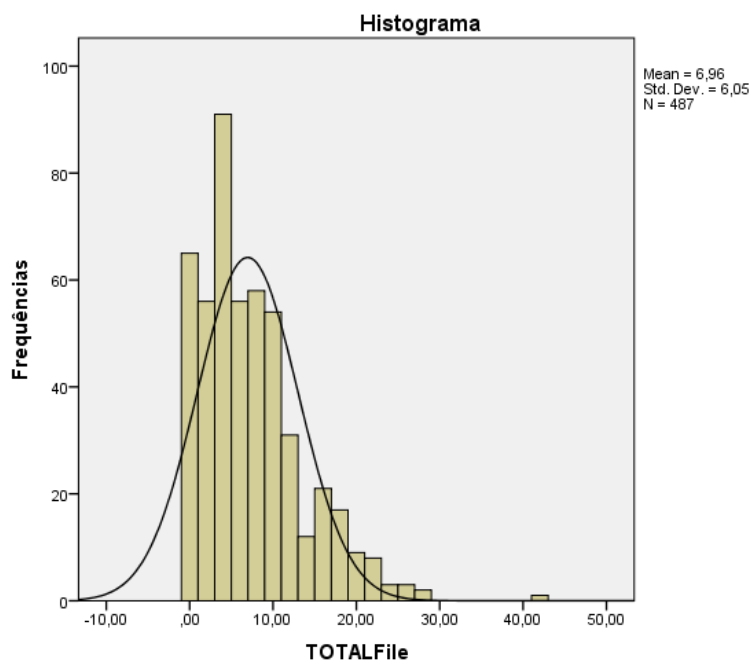
(Garrett, 1962 citado por Simões, 1994). A exceção reside na correlação entre os fatores 2 (“Tensões relacionadas com a doença”) e 3 (“Tensões relacionadas com os filhos”), a qual, para além de muito baixa, não é significativa ($r = .05$; $p > .05$). Assim, cada fator parece avaliar aspetos diferenciados do *stress* familiar, vislumbrando-se a oportunidade do investigador conseguir obter informação diversificada acerca deste tema, tendo sempre em consideração o uso da escala completa com alguma precaução.

Valores de referência

De forma a proporcionar dados de referência para futuras investigações com este instrumento de medida, realizou-se a representação gráfica dos mesmos (Cf. Figura 2). É-nos apresentada uma distribuição normal de frequências, a qual é justificada pelos valores numéricos originários dos coeficientes de assimetria e curtose e respetivos erros-padrão (o erro-padrão da assimetria é igual a .11 e o erro-padrão da curtose é igual a .21, encontrando-se ambos entre +1,96 e -1,96) (Cf. Anexo B. V). Da mesma forma se pode comprovar esta distribuição a partir da observação do histograma (Cf. Figura 2). De acordo com Pestana e Gageiro (2008), quando se verifica uma similitude de valores das medidas de tendência central, como é o caso, a curvatura da distribuição tende a ser simétrica e a média aritmética a assumir-se como ponto central da mesma.

Tomando como base de análise a escala total, obteve-se um valor médio de 6,95, encontrando-se este entre um valor mínimo de 0 e um valor máximo de 41, com um desvio-padrão de 6,05 (Cf. Anexo B. V).

Figura 2. Histograma de frequências do FILE.



Os resultados relativos às sub-escalas encontram-se explanados na Tabela 14.

Tabela 14. Dados normativos para as sub-escalas.

Subescala	Média	Desvio-padrão
Tensões intrafamiliares	1,10	1,43
Tensões relacionadas com a doença	.41	.79
Tensões relacionadas com os filhos	.51	.88
Mudanças estruturais no sistema familiar	.21	.58

Para finalizar, realizou-se um estudo dos resultados obtidos neste inventário, tendo em conta a variável género. A partir da análise realizada através do Teste *T-student* para amostras independentes, observou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas ao nível da média dos resultados do sexo feminino e do sexo masculino ($p=.016$) (não há igualdade de variâncias nos grupos para a variável género, observando-se um valor mais elevado no género feminino) (Cf. Anexo B. VI). O valor atingido no Teste de Levene ($p=.024$) traduz, também, esta heterogeneidade de variâncias (Cf. Anexo B. VI). Assim, os resultados mostram uma maior

identificação de situações geradoras de *stress* por parte do género feminino, comparativamente ao género masculino.

4.2. Estudos referentes ao F-COPES

Estudos preliminares – análise da fiabilidade e pressupostos da Análise Fatorial Exploratória

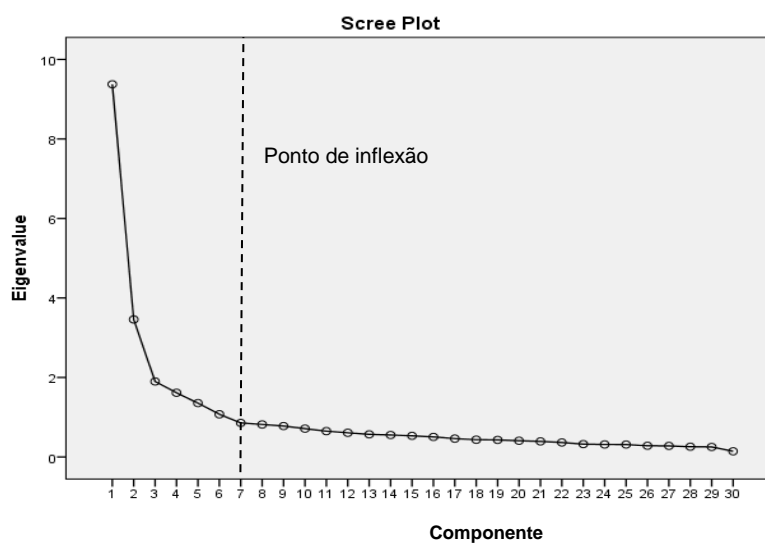
O método estatístico da Análise Fatorial foi utilizado como medida da validade do instrumento.

De acordo com a informação obtida a partir do índice Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e do teste de esfericidade de Bartlett, a amostra cumpre os pressupostos para a realização de uma análise fatorial exploratória, apresentando um óptimo índice de adequação (KMO = .92) (Murphy & Davidsholder, 1988 citado por Maroco & Garcia-Marques, 2006) e correlações estatisticamente significativas entre as variáveis que constituem a matriz fatorial ($\chi^2 = 8022,27$; $df = 435$; $p < .001$).

De forma a sintetizar o conjunto de relações que as variáveis estabeleciam entre si através da construção de uma estrutura dimensional, realizou-se uma análise fatorial de componentes principais (AFE), seguida de uma rotação varimax (Cf. Anexo C. I). Foi encontrada uma solução de seis fatores, com *eigenvalues* superiores a um, e responsável por 62,58% do total da variância explicada (Cf. Tabela 16). O gráfico de *scree plot*, ajustado ao critério de Cattell, corrobora a solução encontrada (Cf. Figura 3).

Tabela 16. Total de variância explicada (Seis Fatores).

Componente	<i>Eigenvalues</i>			Rotação da soma dos quadrados		
	% Total	de Variância	% Cumulativa	% Total	de Variância	% Cumulativa
1	.375	31,250	31,250	.375	31,250	31,250
2	.459	11,531	42,780	.459	11,531	42,780
3	.898	6,327	49,107	.898	6,327	49,107
4	.614	5,380	54,487	.614	5,380	54,487
5	.354	4,514	59,001	.354	4,514	59,001
6	.074	3,578	62,580	.074	3,578	62,580

Figura 3. Componentes extraídos em função dos *eigenvalues*, com retenção de 6 fatores (ponto de inflexão).

A maior parte dos itens saturam em mais do que um componente (itens 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 16, 17, 20, 22, 24, 26, 28, 29) na escala dos seis componentes, tendo-se tomado como referência para a aceitabilidade psicométrica correlações superiores a .300 (McCrae & Costa, 1994 citado por Lima, 1997) (Cf. Tabela 17). Destes seis fatores, destacam-se três pela maior saturação de itens (Cf. Tabela 17). O fator 1 (itens 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 29 e 30) engloba a procura de apoio social e familiar e o reenquadramento, o fator 2 (itens 26 e

28) diz respeito à avaliação passiva, assim como o fator 4 (itens 12 e 17), sendo que este último se encontra mais relacionado com a sorte e o acaso.

Tabela 17. Matriz de rotação dos seis componentes.

	Componente					
	1	2	3	4	5	6
FC2	.704		.347			
FC5	.703					
FC1	.683					
FC24	.681	.318				
FC3	.669	.465				
FC16	.668		.313			
FC11	.654	.448				
FC25	.651					
FC22	.636	.474				
FC4	.636		.311			
FC7	.626	.347				
FC20	.625					.312
FC15	.603					
FC19	.574					
FC21	.565					
FC9	.558					
FC13	.542	.341				
FC23	.524					
FC6	.498		.308			
FC8	.495		.325		.378	
FC27	.511					
FC10	.497				.416	
FC29	.448				.401	
recodeFCopes26*		.481		.469		
recodeFCopes28*	.342	.429		.333		.385
FC30	.540					
FC14	.519					
recodeFCopes12*				.584		
recodeFCopes17*		.463		.564		

*Itens invertidos.

Recorrendo, de seguida, à realização da Análise Paralela através do *software* Monte Carlo PCA, o número de componentes para extração passou de seis (indicada pela análise de componentes principais) para cinco (Cf. Anexo C. II) (igual ao que acontece nos estudos originais). Face a isto, realizou-se uma análise fatorial exploratória, forçando a extração a cinco

Estudo de validação do Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida (FILE) e das Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família (F-COPES) numa amostra de população geral portuguesa
Carla Sofia Coimbra Antunes (e-mail: carlaantunes.pc@gmail.com) 2013

componentes, a partir do método de rotação varimax (Cf. Tabela 18).

Tabela 18. Matriz de rotação dos cinco componentes.

	Componente				
	1	2	3	4	5
FC22	.780				
FC13	.759				
FC3	.727				.331
FC11	.726				
FC24	.706				
FC7	.686				
FC20	.616				
FC19	.593				
FC15	.585				
FC1	.483	.451			
FC21		.737			
FC6		.664		.340	
FC25	.348	.608			
FC4	.327	.541		.365	
FC9		.526			
FC5	.453	.514			
FC2	.403	.489		.435	
FC14			.874		
FC23			.861		
FC30	.360		.701		
FC27			.669	.334	
FC10				.814	
FC8				.789	
FC29				.747	
FC16	.436	.417		.455	
recodeFCopes17					.709
recodeFCopes12		.307			.686
recodeFCopes26	.306				.656
recodeFCopes28					.587

Esta solução de cinco fatores é responsável por 59% da variância explicada (Cf. Anexo C. III). Doze (1, 2, 3, 4, 5, 6, 12, 16, 25, 26, 27, 30) dos vinte e nove itens em análise saturam em mais do que um fator (Cf. Tabela 18) (tomou-se como referência o critério referido anteriormente). O fator 1 (itens 1, 3, 7, 11, 13, 15, 19, 20, 22 e 24) agrega os itens referentes às estratégias de reenquadramento das dificuldades sentidas e de contacto informal com os familiares. O fator 2 (itens 2, 4, 5, 6, 9, 21 e 25) engloba a procura de ajuda de várias fontes (familiar, profissional e da comunidade). O fator 3 (itens 14, 23, 27 e 30) engloba os itens referentes às estratégias de

coping direcionadas para as atividades religiosas e fé (igual ao modelo original). O fator 4 (itens 8, 10, 16 e 29) inclui a mobilização de ajuda vinda dos vizinhos e de pessoas próximas. Já o fator 5 (itens 12, 17, 26 e 28) diz respeito à avaliação passiva dos acontecimentos, contendo a mesma estrutura do modelo original.

De modo a obtermos as estatísticas de ajustamento dos modelos resultantes da Análise Fatorial Exploratória, recorremos à Análise Fatorial Confirmatória (AFC), através do método da Máxima Verossimilhança. De notar que os dois modelos referidos acima (de seis e de cinco fatores) surtiram valores desadequados de adequabilidade estatística (Maroco, 2008) e, por isso, forçou-se a extração de componentes a 2, 3 e 4 fatores, a partir do método da rotação Varimax, de forma a encontrar outras estruturas fatoriais mais adequadas. As estruturas fatoriais daqui derivadas foram igualmente testadas através do método das equações estruturais. No entanto, nenhum dos modelos demonstrou ser adequado estatisticamente (Maroco, 2008).

Face a este obstáculo, procedeu-se à elaboração de vários modelos através do reagrupamento teórico dos itens da escala, sendo estes testados em relação ao seu ajustamento estatístico por via da Análise Fatorial Confirmatória. Chegámos, então, ao modelo que analisaremos adiante. Este modelo é composto por quatro fatores (Cf. Tabela 19): o fator 1 (itens 3, 7, 11, 13, 15, 19, 22 e 24) diz respeito ao reenquadramento, o fator 2 (itens 12, 17, 26 e 28) refere-se às estratégias de avaliação passiva dos acontecimentos, o fator 3 (itens 1, 2, 5, 16, 20 e 25) engloba o apoio social derivado dos relacionamentos mais próximos e o fator 4 (itens 4, 6, 8, 9, 10, 14, 21, 23, 27, 29 e 30) agrupa o apoio social que provém da religião, dos profissionais e da comunidade.

Tabela 19. Composição teórica do modelo de quatro fatores.

Nome do fator	Itens englobados no fator
Reenquadramento	3. Sabemos que temos capacidade.... 7. Sabemos que a nossa família tem recursos próprios.... 11. Encaramos os problemas de frente.... 13. Mostramos que.... 15. Aceitamos os acontecimentos perturbadores.... 19. Aceitamos que as dificuldades.... 22. Acreditamos que podemos.... 24. Definimos o problema familiar de uma forma....

Avaliação Passiva	12. Vemos.... 17. Sabemos que a sorte.... 26. Sentimos que apesar de tudo o que possamos fazer.... 28. Acreditamos que se deixarmos passar....
Apoio Social – relações próximas	1. Compartilhamos as nossas.... 2. Procuramos o encorajamento.... 5. Procuramos conselhos.... 16. Partilhamos as nossas preocupações.... 20. Convivemos com.... 25. Perguntamos aos nossos familiares....
Apoio Social – religioso, profissional e da comunidade	4. Procuramos informações e conselhos.... 6. Procuramos auxílio de instituições.... 8. Recebemos ofertas e favores... 9. Procuramos informação e conselhos junto... 10. Pedimos aos nossos vizinhos... 14. Frequentamos a igreja... 21. Procuramos conselho e ajuda profissional... 23. Participamos em atividades... 27. Procuramos o conselho... 29. Partilhamos os problemas... 30. Temos fé...

O modelo acima exposto apresenta os quatro fatores relacionados entre si (Cf. Anexo C. IV). Foi utilizado o seguinte conjunto de indicadores de ajustamento: χ^2 e *p-value*, χ^2/df , CFI, PCFI e RMSEA. Tiveram-se em conta os indicadores CFI e PCFI em detrimento dos indicadores GFI e PGFI, pelas mesmas razões explicitadas nas análises relativas ao instrumento FILE (Sun, 2005). Na generalidade, os índices de ajustamento do modelo revelaram-se adequados - $\chi^2 = 1380.38$ ($p < .001$), $\chi^2/df = 3.80$, CFI = .87, PCFI = .77, RMSEA: .07 (Lo = .07, Hi = .08) – pois o χ^2/df encontra-se no intervalo]2;5] (ajustamento tolerável), o índice de CFI situa-se no intervalo [.8;.9[(ajustamento tolerável), o PCFI encontra-se no intervalo [.6;.8[(ajustamento bom) e RMSEA situa-se no intervalo].05;.10] (ajustamento bom) (Maroco, 2008). Para a obtenção destes resultados, foram necessárias algumas modificações propostas pelos índices de modificação. Estas somente foram tidas em conta e seguidas quando o índice de modificação era elevado e constituía uma alteração revestida de sentido teórico. Assim, acrescentaram-se correlações entre os erros dos itens 2 (“Procuramos o encorajamento e o apoio dos amigos.”) e 16 (“Partilhamos as nossas preocupações com os amigos íntimos.”), os quais se relacionam com o apoio que provém das relações de amizade. Já no último fator - Apoio Social –

Estudo de validação do Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida (FILE) e das Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família (F-COPES) numa amostra de população geral portuguesa

religioso, profissional e da comunidade, adicionaram-se sete novas correlações entre os erros dos itens: 6 (“Procuramos auxílio de instituições criadas para ajudar famílias numa situação como a nossa.”) e 21 (“Procuramos conselho e ajuda profissional para resolver as dificuldades familiares.”), relacionados com a procura de ajuda de pessoas especializadas e/ou que já passaram por uma situação semelhante; 8 (“Recebemos ofertas e favores de vizinhos (por exemplo comida, tomar conta do correio, etc.)”) e 10 (“Pedimos aos nossos vizinhos que nos façam favores e nos deem assistência.”), que colocam o foco na relação com os vizinhos como fonte de suporte; 8 (“Recebemos ofertas e favores de vizinhos (por exemplo comida, tomar conta do correio, etc.)”) e 14 (“Frequentamos a igreja e vamos à missa.”), intimamente ligados à partilha e ajuda do próximo, princípios fundadores da igreja; 10 (“Pedimos aos nossos vizinhos que nos façam favores e nos deem assistência.”) e 29 (“Partilhamos os problemas com os nossos vizinhos.”), novamente relacionados com o apoio dos vizinhos; 14 (“Frequentamos a igreja e vamos à missa.”) e 23 (“Participamos em atividades religiosas.”); 14 (“Frequentamos a igreja e vamos à missa.”) e 30 (“Temos fé em Deus.”); 23 (“Participamos em atividades religiosas.”) e 30 (“Temos fé em Deus.”), diretamente envolvidos com a prática da fé.

Face às análises efetuadas com o F-COPES, foi possível verificar que as estratégias internas de *coping* abrangem o reenquadramento e a avaliação passiva, enquanto as estratégias externas englobam todo o tipo de Apoio Social ao qual temos acesso e ao qual recorremos perante uma situação de alta tensão, que pode advir das relações de maior proximidade, da religião, dos profissionais habilitados para tal e da comunidade.

Estudos de precisão

Começou-se por realizar um estudo da consistência interna da escala, englobando os 29 itens utilizados pelos autores da escala [excluiu-se o item 18, uma vez que não saturava em nenhum dos fatores da escala original, sendo considerado ambíguo (Olson et al., 1982)]. A fidelidade total da escala foi, então, determinada através do *alpha* de Cronbach, para o qual se obteve um valor de .91 (Cf. Anexo C. V), indicador de uma fidelidade elevada (Murphy & Davidsholder, 1988 citado por Maroco & Garcia-Marques, 2006).

Note-se que a consistência interna total aumentaria se os itens 12 e 17 fossem eliminados (Cf. Tabela 20). Sendo os seus valores pouco significativos, não se procedeu à sua remoção, precavendo a possível perda de informação relevante para a avaliação das estratégias de *coping*.

Tabela 20. Relação Item/ Escala Total.

Item	Correlação Item/Total	Alpha de Cronbach*
1	.64	.91
2	.66	.91
3	.62	.91
4	.58	.91
5	.65	.91
6	.46	.91
7	.57	.91
8	.46	.91
9	.52	.91
10	.47	.91
11	.60	.91
12	.16	.92
13	.46	.91
14	.50	.91
15	.55	.91
16	.60	.91
17	.12	.92
19	.50	.91
20	.55	.91
21	.52	.91
22	.58	.91
23	.50	.91
24	.62	.91
25	.59	.91
26	.23	.91
27	.49	.91
28	.32	.91
29	.42	.91
30	.50	.91

*Eliminando o próprio item.

Analisando a relação existente entre cada item e a escala no seu todo (Cf. Tabela 20) (Cf. Anexo C. V) e tomando como referência os critérios definidos por Garrett (1962) citado por Simões (1994), todos os itens da escala (à exceção dos itens 12 e 17) apresentam boas correlações com a

Estudo de validação do Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida (FILE) e das Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família (F-COPES) numa amostra de população geral portuguesa

Carla Sofia Coimbra Antunes (e-mail:carlaantunes.pc@gmail.com) 2013

escala total, tendo repercussões na consistência interna se forem eliminados. De entre estes, destacam-se os itens 1, 2, 3, 5, 16 e 24, os quais apresentam correlações superiores a .60. É observável uma forte correlação dos itens relacionados com a procura de apoio social (2, 5, 16) e com o reenquadramento (3, 7, 11, 22, 24) com a escala total. Os itens 12 e 17 registaram correlações com a escala total abaixo do considerado adequado (Garrett, 1962 citado por Simões, 1994), o que nos leva a crer que não há homogeneidade dos itens. No entanto, não foram eliminados dado que estes itens pertencem à avaliação passiva dos acontecimentos (indicador de um cariz diferente dos restantes), assumindo uma posição muito importante no conjunto global da escala, pois a sua presença contribui para um conhecimento mais aprofundado e diversificado das estratégias de *coping* familiares.

A Tabela 21 expõe os principais resultados das estatísticas descritivas dos itens da escala. Realizando uma análise mais detalhada destes valores, verifica-se uma oscilação entre um valor mínimo de 1,83 (item 27 – “Procuramos o conselho de um padre.”) e máximo de 3,99 (item 3 – “Sabemos que temos capacidade para resolver os problemas mais importantes.”), encontrando-se este último um pouco acima da média da totalidade dos itens (média = 3,13). Considerando a dispersão dos resultados, os itens 9 (“Procuramos informação e conselhos junto do médico de família.”), 12 (“Vemos televisão.”), 14 (“Frequentamos a igreja e vamos à missa.”), 23 (“Participamos em atividades religiosas.”) e 30 (“Temos fé em Deus.”) ostentaram uma maior variabilidade de respostas, ao contrário do que se verificou no item 3 (“Sabemos que temos capacidade para resolver os problemas mais importantes.”) (Cf. Tabela 21).

Tabela 21. Valores estatísticos dos itens da escala.

Item	Média	Desvio-Padrão
1	3,75	1,160
2	3,63	1,130
3	3,99	.980
4	3,24	1,109
5	3,37	1,204
6	2,40	1,219
7	3,56	1,057
8	2,23	1,280
9	3,13	1,303
10	2,24	1,203

11	3,89	1,051
12	2,90	1,395
13	3,44	1,126
14	2,76	1,389
15	3,30	1,092
16	3,39	1,142
17	3,02	1,160
19	3,23	1,110
20	3,61	1,166
21	2,71	1,232
22	3,73	1,003
23	2,59	1,345
24	3,43	1,011
25	2,97	1,151
26	2,97	1,039
27	1,83	1,110
28	3,85	1,203
29	1,87	1,074
30	3,75	1,379

Considerando cada fator em separado, o fator 1 – Reenquadramento - apresenta um *alpha* de Cronbach de .89 (Cf. Anexo C. V), sendo considerado moderado a elevado (Murphy & Davidsholder, 1988 citado por Maroco & Garcia-Marques, 2006). As correlações item/total deste fator variam entre .52 e .76, apresentando fortes correlações com a escala total (Garrett, 1962 citado por Simões, 1994) (Cf. Tabela 22). Assim, pode-se concluir que todos os itens deste fator contribuem para a sua consistência, dado que a eliminação de cada um deles se repercute na diminuição da consistência (Cf. Tabela 22). De notar ainda que todas as correlações inter-item neste fator se mostram adequadas. Todos os itens encontram-se correlacionados de forma significativa ($p < .01$) (Cf. Anexo C. V).

Tabela 22. Relação Item/Escala Total (Fator 1 - Reenquadramento)

Itens do fator	Correlação Item/Total	<i>Alpha</i> de Cronbach (se o item for eliminado)
3	.73	.86
7	.66	.87
11	.71	.87
13	.60	.88
15	.58	.88
19	.52	.89
22	.76	.86
24	.71	.87

O fator 2 – Avaliação Passiva - apresenta um *alpha* de Cronbach de .63 (Cf. Anexo C. V), o qual é indicador de uma fiabilidade muito baixa, mas aceitável (Murphy & Davidsholder, 1988 citado por Maroco & Garcia-Marques, 2006), tal como acontece na escala original. De notar que, segundo as análises realizadas, se o item 12 fosse eliminado, o valor da consistência interna sofreria um incremento (Cf. Tabela 23). Os valores da correlação item/total deste fator variam entre .30 e .48 (Cf. Tabela 23), os quais são aceitáveis (Garrett, 1962 citado por Simões, 1994). As correlações inter-item neste fator são, maioritariamente, baixas, embora significativas ($p < .01$) (Cf. Anexo C. V).

Tabela 23. Relação Item/ Escala Total (Fator 2 – Avaliação Passiva)

Itens do fator	Correlação Item/Total	Alpha de Cronbach (se o item for eliminado)
12	.30	.66
17	.48	.52
26	.46	.54
28	.44	.54

O fator 3 – Apoio Social - relações próximas - tem um *alpha* de Cronbach de .84 (Cf. Anexo C. V), o qual se traduz num índice de fiabilidade moderado a elevado (Murphy & Davidsholder, 1988 citado por Maroco & Garcia-Marques, 2006). As correlações item/total deste fator oscilam entre .53 e .66, apresentando fortes correlações com a escala total (Garrett, 1962 citado por Simões, 1994) (Cf. Tabela 24). A partir desta informação e de uma observação mais detalhada da Tabela 24, pode-se afirmar que todos os itens deste fator contribuem para a sua consistência, dado que a eliminação de cada um deles se repercute na diminuição da consistência. De referir ainda que todas as correlações inter-item neste fator se mostram adequadas e significativas ($p < .01$) (Cf. Anexo C. V).

Tabela 24. Relação Item/ Escala Total (Fator 3 – Apoio Social - relações próximas)

Itens do fator	Correlação Item/Total	Alpha de Cronbach (se o item for eliminado)
1	.66	.81
2	.66	.81

5	.66	.81
16	.61	.82
20	.53	.83
25	.59	.82

O fator 4 – Apoio Social – religioso, profissional e da comunidade - apresenta um *alpha* de Cronbach de .87 (Cf. Anexo C. V), traduzindo um índice de fiabilidade moderado a elevado (Murphy & Davidsholder, 1988 citado por Maroco & Garcia-Marques, 2006). As correlações item/total deste fator variam entre o mínimo de .48 e um máximo de .67, detendo fortes correlações com a escala total (Garrett, 1962 citado por Simões, 1994) (Cf. Tabela 25). Todos os itens deste fator contribuem para a sua consistência interna, uma vez que a eliminação de cada um deles tem implicações na diminuição da consistência. As correlações inter-item são maioritariamente adequadas e todas significativas ($p < .01$) (Cf. Anexo C. VIII). No entanto, há que salientar que o item 30 (“Temos fé em Deus.”) apresenta uma baixa correlação com os itens 6 (“Procuramos auxílio de instituições criadas para ajudar famílias numa situação como a nossa.”) e 8 (“Recebemos ofertas e favores de vizinhos (por exemplo comida, tomar conta do correio, etc.)”) (Cf. Anexo C. V), podendo dever-se ao facto do primeiro se referir a algo abstrato que se afasta um pouco da mobilização física que se observa nos itens 6 e 8.

Tabela 25. Relação Item/ Escala Total (Fator 4 – Apoio Social – religioso, profissional e da comunidade)

Itens do fator	Correlação Item/Total	Alpha de Cronbach (se o item for eliminado)
4	.48	.86
6	.55	.86
8	.56	.86
9	.53	.86
10	.61	.86
14	.63	.85
21	.56	.86
23	.67	.85
27	.66	.85

29	.55	.86
30	.48	.87

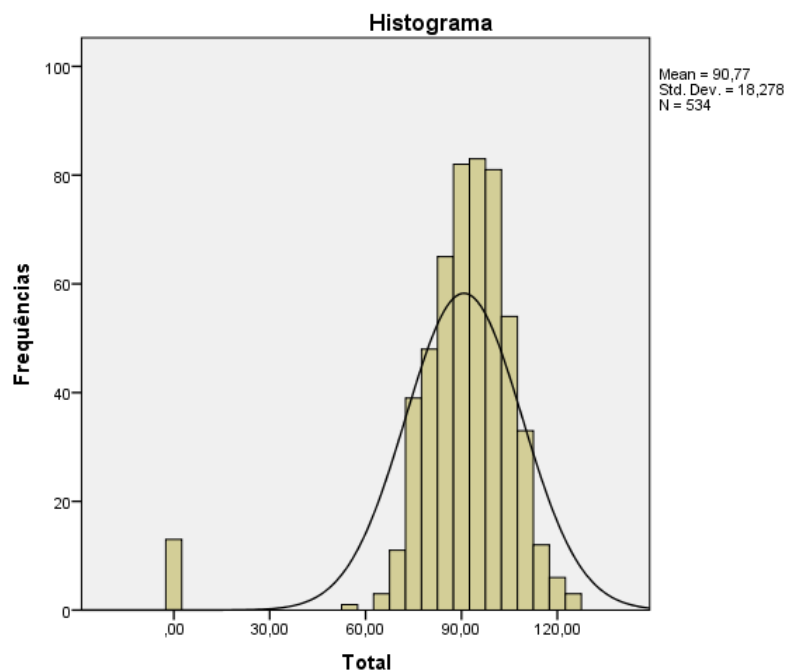
Quanto à análise da correlação existente entre os diversos fatores (Cf. Anexo C. V), de mencionar que os fatores 2 (Avaliação Passiva) e 4 (Apoio Social – religioso, profissional e da comunidade) não se encontram correlacionados de forma significativa ($r = .04$; $p > .05$), o que leva a crer que os dois fatores avaliam aspetos distintos do *coping* familiar. A correlação do fator 2 (Avaliação Passiva) com a escala total, apesar de significativa, não é muito alta ($r = .39$; $p < .01$), como acontece com os restantes fatores. Apesar do fator 2 (Avaliação Passiva) não apresentar valores de fiabilidade considerados adequados no seu conjunto, decidimos não eliminá-lo do modelo criado, pois as respostas aos seus itens podem trazer novas informações acerca das estratégias de *coping* utilizadas pelo sistema, que não se encontram contempladas nos restantes itens da escala, ou seja, a escala acaba por enriquecer em termos teóricos com a presença deste fator. No entanto, deve-se ter em conta que este fator deve ser usado com alguma cautela de forma independente (não apresenta qualidades psicométricas suficientes).

Valores de referência

De forma a aferir a normalidade da distribuição de resultados da escala, procedeu-se à representação gráfica dos mesmos (Cf. Figura 4). Neste caso, estamos perante uma distribuição normal de frequências, sustentada pelos valores numéricos provenientes dos coeficientes de assimetria e curtose e respetivos erros-padrão (o erro-padrão da assimetria é igual a .11 e o erro-padrão da curtose é igual a .21, situando-se ambos entre +1,96 e -1,96) (Cf. Anexo C. VI), bem como pela observação do histograma (Cf. Figura 4), o qual assume um carácter simétrico.

Tendo em consideração a escala total, alcançou-se um valor médio de 90,77, encontrando-se este entre um valor mínimo de 0 e um valor máximo de 127, com um desvio-padrão de 18.28 (Cf. Anexo C. VI).

Figura 4. Histograma de frequências do F-COPES.



No que concerne aos valores de referência das sub-escalas, os resultados encontrados são expostos na Tabela 26.

Tabela 26. Dados normativos para as sub-escalas.

Subescala	Média	Desvio-padrão
Reenquadramento	28,56	6,28
Avaliação Passiva	12,74	3,33
Apoio Social – relações próximas	20,73	5,18
Apoio Social – religioso, profissional e comunitário	28,75	9,01

Por fim, pretendeu-se verificar se os resultados da escala diferiam em termos de género. Para isto, utilizámos o Teste *T-student* para amostras independentes (Cf. Anexo C. VII). A partir da análise dos resultados daí retirados, foi possível verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas ao nível da média dos resultados do sexo feminino e do sexo masculino ($p=.760$) (há igualdade de variâncias nos grupos para a variável género), assim como o valor alcançado no Teste de Levene ($p=.064$) traduz a mesma homogeneidade de variâncias (Cf. Anexo C. VII).

Estabelecendo a ponte com os resultados encontrados com o inventário FILE, apesar das mulheres apontarem um maior número de

Estudo de validação do Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida (FILE) e das Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família (F-COPES) numa amostra de população geral portuguesa

situações geradoras de *stress* no último ano, as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos dois géneros são muito semelhantes.

V - Conclusões

Este estudo visou realizar a validação dos instrumentos FILE (Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida) e F-COPES (Escala de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família). No entanto, com o decorrer das análises, as metas foram sofrendo alterações, acabando esta dissertação por se tornar numa versão reduzida do primeiro instrumento e numa atualização do segundo.

Perante as análises realizadas com o FILE, foi possível verificar que o inventário tem uma consistência interna moderada a elevada ($\alpha = .82$), o que indica a sua aplicabilidade à população geral. No entanto, apresenta inúmeras debilidades ao nível da sua estrutura fatorial [as correlações item-total são, na sua maioria, fracas; a solução de quatro fatores encontrada, embora adequada segundo os indicadores de ajustamento, apresenta imensas fragilidades – Tensões intrafamiliares ($\alpha = .72$), Tensões relacionadas com a doença ($\alpha = .58$), Tensões relacionadas com os filhos ($\alpha = .58$) e Mudanças estruturais no sistema familiar ($\alpha = .53$)]. Neste seguimento, pensa-se que será aconselhável o uso do FILE como listagem/*checklist* das possíveis fontes geradoras de *stress* que possam estar a surtir efeitos na família num dado momento. Poderá ser, também, aplicada na avaliação dos níveis de *stress* familiar, mas sempre com alguma cautela.

As características psicométricas da escala F-COPES exibem: uma consistência interna elevada ($\alpha = .91$); uma forte correlação entre todos os itens com a totalidade da escala, à exceção dos itens 12 e 17 (pertencentes ao fator Avaliação Passiva); uma solução de quatro fatores, resultante de um trabalho exploratório e confirmatório (Reenquadramento - $\alpha = .89$; Avaliação Passiva - $\alpha = .63$; Apoio Social – relações próximas - $\alpha = .84$; Apoio Social – religioso, profissional e da comunidade - $\alpha = .87$). De salientar que o fator “Avaliação Passiva” pode ser utilizado individualmente, mas sempre com algum cuidado, devido à sua fraca consistência interna.

É importante salientar que estes instrumentos devem ser utilizados

conjuntamente com outros que avaliem o mesmo constructo, não esquecendo a diversidade existente entre cada sistema familiar, pois cada um avalia a situação *stressante* de forma distinta, assim como poderá colocar em prática estratégias de enfrentamento diferentes, dependendo da sua forma de pensar e agir.

Este estudo apresenta, também, algumas limitações: a amostra (resultante de várias recolhas), ausência de avaliação da estabilidade temporal. Face a isto, e tendo em conta o primeiro aspeto, seria aconselhável a replicação deste trabalho com outras amostras, incluindo diferentes populações, tanto em Portugal como noutros países, considerando as diferenças culturais que possam existir na resposta aos itens, assim como a integração de novos itens nos dois instrumentos. A avaliação da estabilidade temporal dos resultados fica como sugestão para uma futura investigação. Seria, também, interessante realizar a correlação destas medidas com outras que avaliem o *stress* e o *coping* familiar, respetivamente (validade concorrente).

As vantagens desta investigação são igualmente observáveis. A versão reduzida do instrumento FILE, tal como indica a literatura de forma consensual, apresenta-se como uma mais-valia, uma vez que o cansaço gerado nos respondentes, proveniente do seu preenchimento, bem como o tempo dispendido por eles, são menores (Balluerka & Gorostiaga, 2012; Podsakoff & MacKenzie, 1994). A adaptação da escala F-COPES permitirá aos investigadores a utilização de uma versão mais ajustada à população portuguesa, surtindo, resultados mais fiáveis.

Referências bibliográficas

Alarcão, M. (2000). *(Des) Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto.

Aldwin, C. M. (2007). *Stress, coping, and development: An integrative perspective*. New York: The Guilford Press.

Andrade, N., & Pereira, M. G. (2012). Preditores da qualidade de vida em fumadores e abstinentes. *Temas em Psicologia*, 29 (2), 399-411. doi: 10.9788/TP2012.2-09

Ausloos, G. (2003). *A Competência das famílias: tempo, caos e processo*. (2ª ed.). Lisboa: Climepsi.

Azevedo, O. (2007). *Configurações estruturais da família e coping familiar*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Coimbra.

Balluerka, N., & Gorostiga, A. (2012). Elaboración de versiones reducidas de instrumentos de medida: Una perspectiva práctica. *Psychosocial Intervention*, 21 (1), 103-110. Retirado de <http://dx.doi.org/10.5093/in2012v21n1a7>

Batista, S. (2008) *Estratégias de coping e qualidade de vida na adolescência: um estudo exploratório*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra.

Boss, P. (2002). *Family stress management: A contextual approach*. (2ªEd.). Thousand Oaks: Sage Publications.

Brito, L., & Pereira, M. G. (2012). Variáveis individuais e familiares na Psoríase: Um estudo com doentes e parceiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28 (2), 171-179. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n2/05.pdf>

Coelho, M. (2009) *Influência do Acto de Cuidar na Qualidade de Vida do Cuidador Familiar do Doente Oncológico*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra.

Damásio, B. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica*, 2012, 11 (2), 213-228. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712012000200007&lng=pt&nrm=iso

Dinis, A., Gouveia, J. P., & Duarte, C. (2011). Contributos para a Validação da Versão Portuguesa do Questionário de Estilos de Coping. *Psychologica*, 54, 35-62.

Dittmer, M. (2011). Factors associated with participation and retention in a group treatment for child sexual abuse. *The McNair Scholars Research Journal*, 1-21. Retirado de <http://digitalcommons.unl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1003&context=mcnairjournal>

Dixe, M. A., & Marques, M. H. (2010). Famílias com e sem filhos autistas: Funcionalidade, estratégias de coping familiar e bem-estar pessoal. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 863-869. Retirado de https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/337/1/FAM%C3%8DLIAS%20COM%20E%20SEM%20FILHOS%20AUTISTAS_%20FUNCIONALIDADE%2c%20ESTRAT%C3%89GIAS%20DE%20COPING%20FAMILIAR%20E%20BEM-ESTAR%20PESSOAL.pdf

Durão, V. (2010). *Análise da percepção da Qualidade de Vida e das estratégias de Coping familiares na experiência de perda e no processo de luto: um estudo exploratório*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra.

Dyk, P., & Schvaneveldt, J. (1987). Coping as a concept in family theory. *Family Science Review*, 1 (1), 23-40.

Eaton, P. (2011). *Exploring coping strategies of culturally diverse family members of psychiatric patients*. 21st INRC Research Presentation, Old Dominion University.

Fischer, J., & Corcoran, K. (2007). *Measures for clinical practice and research: A sourcebook*. New York: Oxford University Press.

Folkman, S. (1992). Making the case for *coping*. In B. N. Carpenter (Ed.), *Personal coping: Theory, research and application* (pp.31-46). Westport: Praeger.

Gomes, V., & Bosa, C. (2004). Estresse e relações familiares na perspectiva de irmãos de indivíduos com Transtornos Globais do Desenvolvimento. *Estudos de Psicologia*, 9 (3), 553-561. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a18v09n3.pdf>

Grotevant, H., & Carlson, C. (1989). *Family assessment: A guide to methods and measures*. New York: The Guilford Press. Retirado de [http://books.google.pt/books?id=fCPrm0IquF4C&pg=PA226&lpg=PA226&dq=Grotevant,+H.,+%26+Carlson,+C.+\(1989\).+Family+assessment:+A+guide+to+methods+and+measures.&source=bl&ots=QCoGuY1SDd&sig=MCslKQltj6PJ3D0ZZarWmw_LBNk&hl=pt-BR&sa=X&ei=ZG2sUcKbMaHC7Aby8YCACQ&redir_esc=y#v=onepage&q=Grotevant%2C%20H.%2C%20%26%20Carlson%2C%20C.%20\(1989\).%20Family%20assessment%3A%20A%20guide%20to%20methods%20and%20measures.&f=false](http://books.google.pt/books?id=fCPrm0IquF4C&pg=PA226&lpg=PA226&dq=Grotevant,+H.,+%26+Carlson,+C.+(1989).+Family+assessment:+A+guide+to+methods+and+measures.&source=bl&ots=QCoGuY1SDd&sig=MCslKQltj6PJ3D0ZZarWmw_LBNk&hl=pt-BR&sa=X&ei=ZG2sUcKbMaHC7Aby8YCACQ&redir_esc=y#v=onepage&q=Grotevant%2C%20H.%2C%20%26%20Carlson%2C%20C.%20(1989).%20Family%20assessment%3A%20A%20guide%20to%20methods%20and%20measures.&f=false)

Howland, L. (2007). Preterm birth: implications for family stress and coping. *Newborn and Infant Nursing Reviews*, 7 (1), 14-19. Retirado de [http://www.nainr.com/article/S1527-3369\(06\)00159-0/abstract](http://www.nainr.com/article/S1527-3369(06)00159-0/abstract)

Lagarelhos, J. (2012). *Stress, coping e qualidade de vida familiar: As evidências de 26 investigações realizadas entre 2007-2010*. Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, Sub-área de especialização em Psicologia Sistémica, Saúde e Família, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Lazarus, R., & Folkman, S. (1984). *Stress, Appraisal and coping*. New York: Springer.

Lazarus, R., & Lazarus, B. (2006). *Coping with aging*. New York: Oxford University Press.

Li-Bin, A., Wen-Tao, L., & Yun-Xiao, B. (2010). Investigation on feasibility of F-COPES in Chinese version applied in the parents of children with autism. *Maternal and Child Health Care of China*, 36. Retirado de http://en.cnki.com.cn/Article_en/CJFDTOTAL-ZFYB201036073.htm

Lima, M. (1997). *NEO-PI-R: contextos teóricos e psicométricos "OCEAN" ou "iceberg"?*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Portugal.

Lopes, A., & Lourenço, M. (2007). *Generalidades e singularidades da doença em família: percepção da qualidade de vida, stress e coping*. Retirado de <http://www.psicologia.pt/teses/textos/TE0001.pdf>

Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS*. (3ª Ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Maroco, J. (2008). *Análise de Equações Estruturais*. Lisboa: Escolar editora.

Maroco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?. *Laboratório de Psicologia*, 4 (1), 65-90. Retirado de [http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/133/1/LP%20\(1\)%20-%2065-90.pdf](http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/133/1/LP%20(1)%20-%2065-90.pdf)

Martins, C. (2008). *F-COPES: Estudo de validação para a população portuguesa*. Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, Sub-área de especialização em Psicologia Sistémica, Saúde e Família, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

McCubbin, H. I., Thompson, A. I., & McCubbin, M. A. (2001). *Family Measures: stress, coping and resiliency. Inventories for research and practice*. Hawaii: Kamehameha Schools.

Minuchin, S. (1979). *Families en thérapie*. Paris : J.P. Delarge.

Moawad, G. (2012). Coping strategies of mothers having children with special needs. *Journal of Biology, Agriculture and Healthcare*, 2 (8), 77-84.

Retirado de <http://www.slideshare.net/AlexanderDecker/coping-strategies-of-mothers-having-children-with-special-needs>

Monat, A., & Lazarus, R. (ed. lit.) (1985). *Stress and coping: an anthology*. New York: Columbia University Press. Retirado de <http://www.questia.com/read/99573503/stress-and-coping-an-anthology>

Moore, N. (2011). *Factors related to adaptation in the intimate relationships of veterans with posttraumatic stress disorder*. Doctoral dissertation, University of Iowa, U.S.A. Retirado de <http://ir.uiowa.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2416&context=etd>

Morse, R. (2011). *Smith-magenis syndrome: maladaptive behaviors and effects on parent stress, coping, and family adjustment*. Doctoral dissertation in philosophy and psychology, George Mason University, Fairfax, U.S.A. Retirado de http://digilib.gmu.edu/dspace/bitstream/1920/6609/1/Morse_dissertation_2011.pdf

Mphuthi, D. (2010). *Coping behaviours of haemodialysed patients' families in a private clinic in Gauteng*. Dissertation of Magister Curationis, University of the Witwatersrand, Johannesburg, South Africa. Retirado de http://dspace.nwu.ac.za/bitstream/handle/10394/4645/Mphuthi_DD.pdf?sequence=2

Navia, C., & Ossa, M. (2003). Family functioning, coping, and psychological adjustment in victims and their families following kidnapping. *Journal of Traumatic Stress, 16* (1), 107-112. Retirado de <http://link.springer.com/article/10.1023%2FA%3A1022023730711>

Oliveira, I. (2010). *Género e sua influência na percepção do stress e coping familiares*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra.

Olson, D., McCubbin, H., Barnes, H., Larsen, A., Muxen, M., & Wilson, M. (1982). *Family inventories*. University of Minnesota, St. Paul.

Olson, D., McCubbin, H., Barnes, H., Larsen, A., Muxen, M., & Wilson, M. (1983). *Families: What makes them work*. London: Sage Publications.

Estudo de validação do Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida (FILE) e das Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família (F-COPES) numa amostra de população geral portuguesa
Carla Sofia Coimbra Antunes (e-mail: carlaantunes.pc@gmail.com) 2013

- Patterson, J., & McCubbin, H. (1983). The impact of family life events and changes on the health of a chronically ill child. *Family relations*, 32, 255-264. Retirado de <http://www.jstor.org/discover/10.2307/584685?uid=3738880&uid=2&uid=4&sid=21102359012817>
- Pedras, S., Pereira, M G., & Ferreira, G. (2012). *Influência das variáveis familiares nos auto-cuidados em diabéticos tipo 2*. Actas do 9 congresso nacional de psicologia da saúde, Universidade do Minho. Retirado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18945/1/actas%20psicologia%20sa%C3%BAde%202012.pdf>
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. (2008). *Análise de Dados para Ciências Sociais - A Complementaridade do SPSS* (5ª ed.). Lisboa: Sílabo.
- Podsakoff, P., & MacKenzie, S. (1994). An examination of the psychometric properties and nomological validity of some revised and reduced substitutes for leadership scales. *Journal of Applied Psychology*, 79 (5), 702-713. Retirado de <http://connection.ebscohost.com/c/articles/12360363/examination-psychometric-properties-nomological-validity-some-revised-reduced-substitutes-leadership-scales>
- Price, S., Price, C., & McKenry, P. (ed. lit.) (2010). *Families & change: Coping with stressful events and transitions*. (4ª ed.). Thousand Oaks: SAGE Publications. Retirado de http://books.google.pt/books?id=0wsdMssc3EUC&pg=PR5&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=3#v=onepage&q&f=false
- Ramos, S., & Carvalho, A. (2007). *Nível de stress e estratégias de coping dos estudantes do 1º ano do ensino universitário de Coimbra*. Retirado de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0368.pdf>
- Relvas, A. (2005). Família e *stress*: das crises normativas às crises inesperadas. Como intervir numa perspetiva sistémica. In A. Pinto & A. Silva (Ed.), *Stress e bem-estar: modelos e domínios de aplicação* (pp. 43-58). Lisboa: Climepsi Editores.

- Relvas, A. (2004). *O ciclo vital da família, perspetiva sistémica*. (3ªed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Rica, S. (2010). *Perceção do Coping e da Qualidade de Vida em Diferentes Formas de Família (Famílias Nucleares Intactas; Famílias Pós-Divórcio e Famílias Reconstituídas)*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Sharma, S., Mukherjee, S., Kumar, A., & Dillon, W.R. (2005). A simulation study to investigate the use of cutoff values for assessing model fit in covariance structure models. *Journal of Business Research*, 58, 935-43.
Retirado de <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0148296304000025>
- Simões, M. (1994). *Investigação no Âmbito da Aferição Nacional do Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (M.P.C.R.)*. Dissertação de Doutoramento não publicada, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal.
- Smith, J. C. (1993). *Understanding stress and coping*. New York: Macmillan Publishing Company.
- Son, H., Friedmann, E., & Thomas, S. (2012). Changes in depressive symptoms in spouses of post myocardial infarction patients. *Asian Nursing Research*, 6, 158-165. Retirado de [http://www.asian-nursingresearch.com/article/S1976-1317\(12\)00065-5/fulltext](http://www.asian-nursingresearch.com/article/S1976-1317(12)00065-5/fulltext)
- Sun, J. (2005). Assessing goodness of fit in confirmatory factor analysis. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, 37 (4), 240-256. Retirado de <http://connection.ebscohost.com/c/articles/15696767/assessing-goodness-fit-confirmatory-factor-analysis>
- Vaz Serra, A. (1988). Um estudo sobre coping: O inventário de resolução de problemas. *Psiquiatria clínica*, 9 (4), 301-316.

Vaz Serra, A. (2005). As múltiplas facetas do stress. In A. M. Pinto & A. L. Silva, (ed.), *Stress e bem-estar: Modelos e domínios de aplicação* (17-41). Lisboa: Climepsi.

Vaz Serra, A. (2007). *O Stress na vida de todos os dias*. (3ª ed.). Coimbra: Gráfica de Coimbra.

Walsh, F. (2003). Family resilience: A framework for clinical practice. *Family Process*, 42 (1), 1-18. Retirado de http://www.celf.ucla.edu/2010_conference_articles/Walsh_2003.pdf

Yunes, M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8, 75-84. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa10.pdf>

Anexos

Anexo A. - Características sociodemográficas da amostra (N=534).

Variável	Especificações	N	%
Género	Masculino	170	31,8
	Feminino	364	68,2
Idade	12-19	38	7,2
	20-29	107	20
	30-39	128	23,9
	40-49	119	22,2
	50-59	75	14,1
	60-69	37	6,9
	>69	30	5,6
	Habilitações literárias	≤4º ano	19
4º ano		69	12,9
6º ano		73	13,7
9º ano		113	21,2
12º ano		94	17,6
Ensino médio		31	5,8
Ensino superior		121	22,7
Residência		Predominantemente urbano	183
	Medianamente urbano	175	32,8
	Predominantemente rural	163	30,5
Nível socioeconómico	Baixo	168	31,5
	Médio	303	56,7
	Elevado	48	9,0
Estado Civil	Solteiro	83	15,5
	Casado	339	63,5
	União de facto	55	10,3
	Divorciado	24	4,5
	Separado	5	0,9
	Viúvo	13	2,4
Etapas do Ciclo Vital	Casal sem filhos	75	14,0
	Filhos pequenos ou pré-escolar	61	11,4
	Filhos idade escolar	66	12,4
	Filhos adolescentes	82	15,4

	Família lançadora	161	30,1
	Família na reforma	10	1,9
	“Ninho vazio”	69	12,9
	Não se aplica nenhuma situação	8	1,5
	Nuclear intacta	420	78,7
	Pós-divórcio	30	5,6
Formas de família	Monoparental	16	3,0
	Reconstituída	49	9,2
	Adotiva	3	0,6

Anexo B. I – Análise de componentes principais (1).

Total de variância explicada

Componente	Eigenvalues			Rotação da soma dos quadrados		
	Total	% de variação	% cumulativa	Total	% de variação	% cumulativa
1	5,256	21,898	21,898	5,256	21,898	21,898
2	1,775	7,398	29,296			
3	1,346	5,609	34,905			
4	1,336	5,565	40,470			
5	1,198	4,992	45,462			
6	1,128	4,699	50,161			
7	1,061	4,422	54,583			
8	,997	4,156	58,739			
9	,946	3,941	62,680			
10	,905	3,769	66,449			
11	,857	3,572	70,021			
12	,777	3,240	73,261			
13	,762	3,177	76,437			
14	,678	2,827	79,264			
15	,663	2,764	82,028			
16	,653	2,720	84,748			
17	,552	2,302	87,050			
18	,521	2,172	89,223			
19	,500	2,083	91,306			

Estudo de validação do Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida (FILE) e das Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família (F-COPES) numa amostra de população geral portuguesa
Carla Sofia Coimbra Antunes (e-mail: carlaantunes.pc@gmail.com) 2013

20	,482	2,007	93,312
21	,473	1,970	95,282
22	,439	1,831	97,113
23	,402	1,677	98,790
24	,290	1,210	100,000

Matriz de rotação de componentes

	Componente
	1
F 15	,609
F 16	,588
F 36	,572
F 35	,546
F 3	,531
F 28	,529
F 5	,527
F 43	,523
F 21	,509
F 38	,480
F 8	,480
F 6	,468
F 34	,463
F 14	,445
F 29	,445
F 17	,443
F 39	,437
F 54	,398
F 1	,382
F 61	,374
F 55	,369
F 52	,330
F 50	,301
F 30	

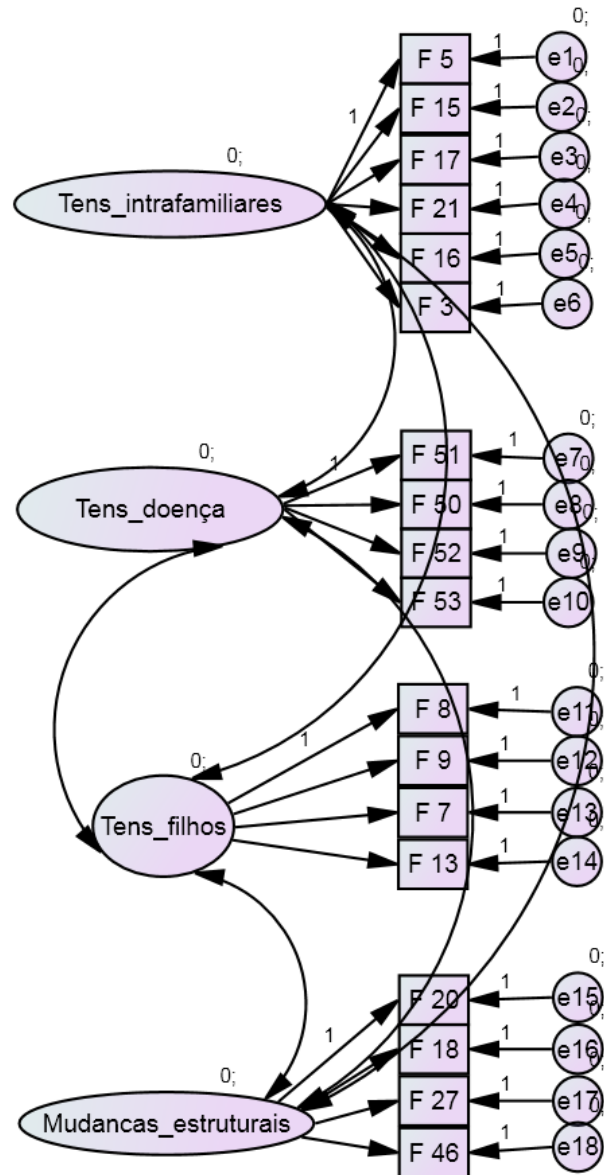
Anexo B. II - Análise de componentes principais (7)

Total de variância explicada

Componente	Eigenvalues			Rotação da soma dos quadrados		
	Total	% de variância	% cumulativa	Total	% de variância	% cumulativa
1	3,346	18,590	18,590	3,346	18,590	18,590
2	1,867	10,371	28,961	1,867	10,371	28,961
3	1,620	8,999	37,959	1,620	8,999	37,959
4	1,455	8,085	46,045	1,455	8,085	46,045
5	1,027	5,708	51,752	1,027	5,708	51,752
6	1,017	5,649	57,401	1,017	5,649	57,401
7	1,003	5,571	62,972	1,003	5,571	62,972
8	,851	4,729	67,701			
9	,796	4,421	72,122			
10	,754	4,190	76,312			
11	,698	3,879	80,191			
12	,640	3,554	83,745			
13	,615	3,416	87,161			
14	,540	3,002	90,163			
15	,506	2,809	92,972			
16	,464	2,578	95,550			
17	,427	2,373	97,922			
18	,374	2,078	100,000			

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Anexo B. III – Modelo de equações estruturais (quatro fatores).



Anexo B. IV – Análises de Fiabilidade.

Escala total

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,714	,719	18

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
F 3	1,81	4,459	,409	.	,690
F 5	2,12	4,890	,397	.	,692
F 7	2,16	5,103	,332	.	,700
F 8	2,13	4,970	,366	.	,696
F 9	2,11	5,035	,278	.	,704
F 13	2,02	5,090	,162	.	,720
F 15	2,05	4,562	,504	.	,677
F 16	2,03	4,647	,436	.	,686
F 17	2,15	5,052	,338	.	,699
F 18	2,20	5,287	,281	.	,706
F 20	2,18	5,228	,279	.	,705
F 21	2,15	5,025	,366	.	,696
F 27	2,20	5,364	,205	.	,710
F 46	2,14	5,312	,116	.	,718
F 50	2,04	5,003	,223	.	,712
F 51	2,14	5,226	,190	.	,712
F 52	2,17	5,146	,318	.	,701
F 53	2,18	5,340	,156	.	,713

Fator 1**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,721	,736	6

Inter-Item Correlation Matrix

	F 5	F 15	F 17	F 21	F 16	F 3
F 5	1,000	,363	,434	,465	,250	,307
F 15	,363	1,000	,282	,288	,534	,296
F 17	,434	,282	1,000	,223	,231	,224
F 21	,465	,288	,223	1,000	,293	,248
F 16	,250	,534	,231	,293	1,000	,320
F 3	,307	,296	,224	,248	,320	1,000

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
F 5	,98	1,531	,522	,371	,666
F 15	,91	1,398	,538	,353	,656
F 17	1,01	1,681	,398	,215	,700
F 21	1,02	1,658	,439	,255	,692
F 16	,90	1,414	,500	,331	,668
F 3	,68	1,335	,411	,172	,713

Correlations

	F 5	F 15	F 17	F 21	F 16	F 3
Pearson Correlation	1	,363**	,434**	,465**	,250**	,307**
F 5 Sig. (2-tailed)		,000	,000	,000	,000	,000
N	487	487	487	487	487	487
Pearson Correlation	,363**	1	,282**	,288**	,534**	,296**
F 15 Sig. (2-tailed)	,000		,000	,000	,000	,000
N	487	487	487	487	487	487
Pearson Correlation	,434**	,282**	1	,223**	,231**	,224**

	Sig. (2-tailed)	,000	,000		,000	,000	,000
	N	487	487	487	487	487	487
	Pearson Correlation	,465**	,288**	,223**	1	,293**	,248**
F 21	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000		,000	,000
	N	487	487	487	487	487	487
	Pearson Correlation	,250**	,534**	,231**	,293**	1	,320**
F 16	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000		,000
	N	487	487	487	487	487	487
	Pearson Correlation	,307**	,296**	,224**	,248**	,320**	1
F 3	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000	
	N	487	487	487	487	487	487

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Fator 2

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,584	,602	4

Inter-Item Correlation Matrix

	F 50	F 51	F 52	F 53
F 50	1,000	,312	,251	,263
F 51	,312	1,000	,446	,143
F 52	,251	,446	1,000	,231
F 53	,263	,143	,231	1,000

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
F 50	,21	,302	,385	,153	,533
F 51	,32	,394	,424	,242	,468
F 52	,34	,432	,428	,234	,480
F 53	,35	,483	,291	,098	,567

Correlations

	F 50	F 51	F 52	F 53
Pearson Correlation	1	,312**	,251**	,263**
F 50 Sig. (2-tailed)		,000	,000	,000
N	487	487	487	487
Pearson Correlation	,312**	1	,446**	,143**
F 51 Sig. (2-tailed)	,000		,000	,002
N	487	487	487	487
Pearson Correlation	,251**	,446**	1	,231**
F 52 Sig. (2-tailed)	,000	,000		,000
N	487	487	487	487
Pearson Correlation	,263**	,143**	,231**	1
F 53 Sig. (2-tailed)	,000	,002	,000	
N	487	487	487	487

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Fator 3

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,575	,600	4

Inter-Item Correlation Matrix

	F 7	F 8	F 9	F 13
F 7	1,000	,404	,279	,146
F 8	,404	1,000	,342	,253
F 9	,279	,342	1,000	,212
F 13	,146	,253	,212	1,000

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
F 7	,44	,560	,367	,186	,508
F 8	,41	,481	,463	,244	,425
F 9	,39	,485	,377	,156	,487
F 13	,30	,449	,276	,082	,602

Correlations

	F 7	F 8	F 9	F 13
Pearson Correlation	1	,404**	,279**	,146**
F 7 Sig. (2-tailed)		,000	,000	,001
N	487	487	487	487
Pearson Correlation	,404**	1	,342**	,253**
F 8 Sig. (2-tailed)	,000		,000	,000
N	487	487	487	487
Pearson Correlation	,279**	,342**	1	,212**
F 9 Sig. (2-tailed)	,000	,000		,000
N	487	487	487	487
Pearson Correlation	,146**	,253**	,212**	1
F 13 Sig. (2-tailed)	,001	,000	,000	
N	487	487	487	487

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Fator 4**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,533	,563	4

Inter-Item Correlation Matrix

	F 18	F 20	F 27	F 46
F 18	1,000	,463	,160	,203
F 20	,463	1,000	,228	,145
F 27	,160	,228	1,000	,264
F 46	,203	,145	,264	1,000

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
F 18	,18	,229	,397	,234	,414
F 20	,16	,210	,365	,239	,422
F 27	,18	,248	,316	,107	,474
F 46	,12	,178	,273	,096	,550

Correlations

	F 18	F 20	F 27	F 46
Pearson Correlation	1	,463**	,160**	,203**
F 18 Sig. (2-tailed)		,000	,000	,000
N	487	487	487	487
Pearson Correlation	,463**	1	,228**	,145**
F 20 Sig. (2-tailed)	,000		,000	,001
N	487	487	487	487
Pearson Correlation	,160**	,228**	1	,264**
F 27 Sig. (2-tailed)	,000	,000		,000
N	487	487	487	487
Pearson Correlation	,203**	,145**	,264**	1
F 46 Sig. (2-tailed)	,000	,001	,000	
N	487	487	487	487

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlação entre os fatores

		Correlations			
		Fator1	Fator2	Fator3	Fator4
Fator1	Pearson Correlation	1	,189**	,280**	,183**
	Sig. (2-tailed)		,000	,000	,000
	N	487	487	487	487
Fator2	Pearson Correlation	,189**	1	,051	,125**
	Sig. (2-tailed)	,000		,258	,006
	N	487	487	487	487
Fator3	Pearson Correlation	,280**	,051	1	,157**
	Sig. (2-tailed)	,000	,258		,001
	N	487	487	487	487
Fator4	Pearson Correlation	,183**	,125**	,157**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,006	,001	
	N	487	487	487	487

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexo B. V – Valores normativos para a escala total.

Estatísticas

TOTALFile

N	Válido	487
	Missing	47
	Média	6,9569
	Erro padrão da média	,27415
	Mediana	6,0000
	Moda	,00
	Desvio padrão	6,04988
	Variância	36,601
	Assimetria	1,249
	Erro padrão da assimetria	,111
	Curtose	2,223
	Erro padrão de Curtose	,221
	Varição	41,00
	Mínimo	,00
	Máximo	41,00
	Soma	3388,00

Anexo B. VI – Teste *T-student*, análise da média e da variância quanto ao género.

Group Statistics

	género	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
TOTALFile	1 M	163	6,0245	5,40913	,42368
	2 F	324	7,4259	6,30377	,35021

Independent Samples Test

	Levene's Test for Equality of Variances	t-test for Equality of Means								
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
TOTAL	Equal variances assumed	5,162	,024	-2,424	485	,016	1,40139	,57806	2,53721	-,26557
File	Equal variances not assumed			-2,549	371,923	,011	1,40139	,54968	2,48226	-,32052

Anexo C. I - Análise de componentes principais (6)

Total de Variância Explicada

Componente	Eigenvalues			Rotação da soma dos quadrados		
	Total	% de Variância	% Cumulativa	Total	% de Variância	% Cumulativa
1	9,375	31,250	31,250	9,375	31,250	31,250
2	3,459	11,531	42,780	3,459	11,531	42,780
3	1,898	6,327	49,107	1,898	6,327	49,107
4	1,614	5,380	54,487	1,614	5,380	54,487
5	1,354	4,514	59,001	1,354	4,514	59,001
6	1,074	3,578	62,580	1,074	3,578	62,580
7	,856	2,853	65,432			
8	,817	2,724	68,156			
9	,777	2,589	70,745			
10	,712	2,372	73,118			
11	,650	2,165	75,283			
12	,609	2,029	77,312			
13	,569	1,896	79,208			
14	,553	1,843	81,051			
15	,531	1,770	82,821			
16	,504	1,679	84,501			
17	,462	1,540	86,041			
18	,434	1,447	87,487			
19	,430	1,433	88,921			
20	,408	1,358	90,279			
21	,391	1,302	91,581			
22	,365	1,216	92,797			
23	,324	1,079	93,876			
24	,314	1,047	94,924			
25	,313	1,042	95,966			
26	,281	,937	96,903			
27	,278	,928	97,831			
28	,257	,858	98,689			
29	,251	,838	99,527			
30	,142	,473	100,000			

Matriz de rotação de componentes

	Componente					
	1	2	3	4	5	6
FC2	,704		,347			
FC5	,703					
FC1	,683					
FC24	,681	,318				
FC3	,669	,465				
FC16	,668		,313			
FC11	,654	,448				
FC25	,651				-,330	
FC22	,636	,474				
FC4	,636		,311			
FC7	,626	,347				
FC20	,625					,312
FC15	,603					-,368
FC19	,574					
FC21	,565	-,332			-,412	
FC9	,558					
FC13	,542	,341		-,321		
FC23	,524	-,456	-,514			
FC18	,505					
FC6	,498	-,412	,308			
FC8	,495	-,448	,325		,378	
FC27	,511	-,526				
FC10	,497	-,503			,416	
FC29	,448	-,487			,401	
recodeFCopes26		,481		,469		
recodeFCopes28	,342	,429		,333		,385
FC30	,540		-,559			
FC14	,519	-,398	-,557			
recodeFCopes12				,584	-,373	-,418
recodeFCopes17		,463		,564		

Anexo C. II – Análise Paralela (cinco componentes).

Componente	Total	Desvio-padrão
1	1,4761	,0337
2	1,4095	,0297
3	1,3606	,0249
4	1,3133	,0229
5	1,2758	,0211
6	1,2388	,0190
7	1,2069	,0207
8	1,1711	,0190
9	1,1438	,0168
10	1,1142	,0141
11	1,0873	,0147
12	1,0608	,0141
13	1,0324	,0145
14	1,0068	,0131
15	0,9817	,0140
16	0,9563	,0162
17	0,9315	,0156
18	0,9094	,0149
19	0,8840	,0156
20	0,8617	,0144
21	0,8353	,0140
22	0,8100	,0148
23	0,7871	,0146
24	0,7629	,0155
25	0,7363	,0170
26	0,7082	,0152
27	0,6796	,0187
28	0,6510	,0180

29 0,6076 ,0240
 ++++++

Anexo C. III – Análise da extração de cinco fatores.

Total de Variância explicada

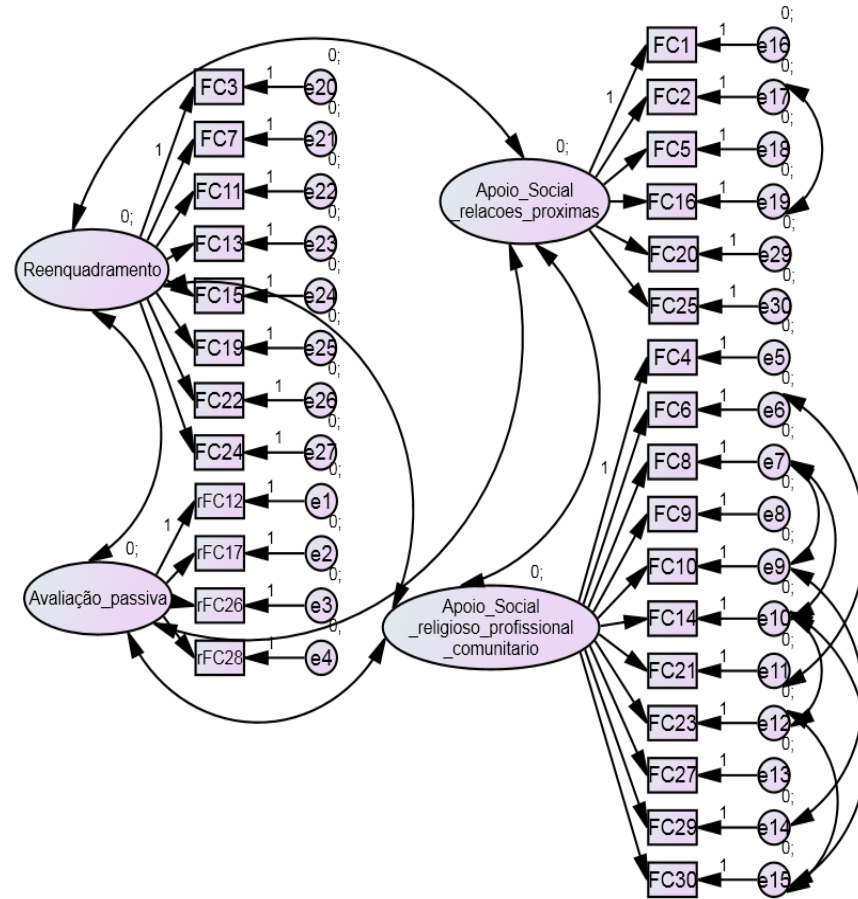
Componente	Eigenvalues			Extração da soma dos quadrados			Rotação da soma dos quadrados		
	Total	% de Variância	% Cumulativa	Total	% de Variância	% Cumulativa	Total	% de Variância	% Cumulativa
1	9,375	31,250	31,250	9,375	31,250	31,250	5,863	19,542	19,542
2	3,459	11,531	42,780	3,459	11,531	42,780	3,759	12,531	32,073
3	1,898	6,327	49,107	1,898	6,327	49,107	2,981	9,938	42,011
4	1,614	5,380	54,487	1,614	5,380	54,487	2,920	9,732	51,743
5	1,354	4,514	59,001	1,354	4,514	59,001	2,177	7,258	59,001
6	1,074	3,578	62,580						
7	,856	2,853	65,432						
8	,817	2,724	68,156						
9	,777	2,589	70,745						
10	,712	2,372	73,118						
11	,650	2,165	75,283						
12	,609	2,029	77,312						
13	,569	1,896	79,208						
14	,553	1,843	81,051						
15	,531	1,770	82,821						
16	,504	1,679	84,501						
17	,462	1,540	86,041						
19	,430	1,433	88,921						
20	,408	1,358	90,279						
21	,391	1,302	91,581						
22	,365	1,216	92,797						
23	,324	1,079	93,876						
24	,314	1,047	94,924						
25	,313	1,042	95,966						
26	,281	,937	96,903						
27	,278	,928	97,831						
28	,257	,858	98,689						
29	,251	,838	99,527						
30	,142	,473	100,000						

Matriz de rotação de componentes

	Componente				
	1	2	3	4	5
FC22	,780				
FC13	,759				
FC3	,727				,331
FC11	,726				
FC24	,706				

FC7	,686		
FC20	,616		
FC19	,593		
FC15	,585		
FC1	,483	,451	
FC21		,737	
FC6		,664	,340
FC25	,348	,608	
FC4	,327	,541	,365
FC9		,526	
FC5	,453	,514	
FC2	,403	,489	,435
FC14			,874
FC23			,861
FC30	,360		,701
FC27		,669	,334
FC10			,814
FC8			,789
FC29			,747
FC16	,436	,417	,455
recodeFCopes17			,709
recodeFCopes12		,307	,686
recodeFCopes26	,306		,656
recodeFCopes28			,587

Anexo C. IV – Modelo de equações estruturais (quatro fatores).



Anexo C. V – Análises de Fiabilidade.

Escala total

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,912	,915	29

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
FC1	87,01	306,874	,636	,526	,907
FC2	87,14	306,880	,655	,624	,907
FC3	86,78	311,663	,620	,625	,908
FC4	87,53	310,235	,579	,490	,908
FC5	87,40	305,448	,646	,534	,907
FC6	88,37	312,738	,461	,459	,910
FC7	87,21	311,744	,568	,487	,908
FC8	88,54	311,675	,460	,561	,910
FC9	87,64	308,662	,518	,383	,909
FC10	88,53	312,734	,468	,620	,910
FC11	86,88	310,920	,595	,599	,908
recodeFCopes12	87,87	323,920	,164	,318	,916
FC13	87,33	314,489	,459	,491	,910
FC14	88,01	307,987	,496	,748	,909
FC15	87,47	311,668	,551	,443	,909
FC16	87,38	308,556	,604	,567	,908
recodeFCopes17	87,75	327,919	,115	,308	,915
FC19	87,54	313,172	,501	,370	,909
FC20	87,16	309,990	,554	,481	,908
FC21	88,06	310,008	,520	,481	,909
FC22	87,04	312,571	,578	,616	,908
FC23	88,18	308,612	,501	,757	,909
FC24	87,34	311,059	,617	,560	,908
FC25	87,80	308,788	,592	,486	,908
recodeFCopes26	87,80	324,271	,233	,380	,913
FC27	88,94	313,752	,486	,542	,910
recodeFCopes28	86,92	318,713	,324	,374	,912
FC29	88,90	316,754	,423	,492	,910
FC30	87,02	308,172	,496	,513	,909

Fator 1

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,885	,887	8

Inter-Item Correlation Matrix

	FC3	FC7	FC11	FC13	FC15	FC19	FC22	FC24
FC3	1,000	,600	,650	,501	,458	,383	,641	,596
FC7	,600	1,000	,527	,485	,413	,354	,571	,528
FC11	,650	,527	1,000	,547	,410	,403	,627	,562
FC13	,501	,485	,547	1,000	,315	,362	,545	,457
FC15	,458	,413	,410	,315	1,000	,438	,517	,540
FC19	,383	,354	,403	,362	,438	1,000	,436	,425
FC22	,641	,571	,627	,545	,517	,436	1,000	,593
FC24	,596	,528	,562	,457	,540	,425	,593	1,000

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
FC3	24,57	30,535	,733	,577	,863
FC7	25,00	30,629	,657	,458	,870
FC11	24,67	30,136	,711	,545	,865
FC13	25,12	30,670	,602	,401	,876
FC15	25,26	31,211	,577	,390	,879
FC19	25,33	31,715	,519	,288	,885
FC22	24,82	30,100	,757	,582	,861
FC24	25,13	30,525	,707	,513	,866

Correlations

	total	FC3	FC7	FC11	FC13	FC15	FC19	FC22	FC24
Pearson Correlation	1	,653**	,607**	,632**	,507**	,591**	,546**	,614**	,651**
Sig. (2-tailed)		,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
N	534	534	534	534	534	534	534	534	534
Pearson Correlation	,653**	1	,600**	,650**	,501**	,458**	,383**	,641**	,596**
Sig. (2-tailed)	,000		,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
N	534	534	534	534	534	534	534	534	534
Pearson Correlation	,607**	,600**	1	,527**	,485**	,413**	,354**	,571**	,528**
Sig. (2-tailed)	,000	,000		,000	,000	,000	,000	,000	,000
N	534	534	534	534	534	534	534	534	534
Pearson Correlation	,632**	,650**	,527**	1	,547**	,410**	,403**	,627**	,562**

	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000		,000	,000	,000	,000	,000
	N	534	534	534	534	534	534	534	534	534
	Pearson Correlation	,507**	,501**	,485**	,547**	1	,315**	,362**	,545**	,457**
FC13	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000		,000	,000	,000	,000
	N	534	534	534	534	534	534	534	534	534
	Pearson Correlation	,591**	,458**	,413**	,410**	,315**	1	,438**	,517**	,540**
FC15	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000		,000	,000	,000
	N	534	534	534	534	534	534	534	534	534
	Pearson Correlation	,546**	,383**	,354**	,403**	,362**	,438**	1	,436**	,425**
FC19	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000	,000		,000	,000
	N	534	534	534	534	534	534	534	534	534
	Pearson Correlation	,614**	,641**	,571**	,627**	,545**	,517**	,436**	1	,593**
FC22	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000		,000
	N	534	534	534	534	534	534	534	534	534
	Pearson Correlation	,651**	,596**	,528**	,562**	,457**	,540**	,425**	,593**	1
FC24	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	
	N	534	534	534	534	534	534	534	534	534

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Fator 2

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,634	,648	4

Inter-Item Correlation Matrix

	recodeFCopes12	recodeFCopes17	recodeFCopes26	recodeFCopes28
recodeFCopes12	1,000	,267	,200	,230
recodeFCopes17	,267	1,000	,430	,368
recodeFCopes26	,200	,430	1,000	,395
recodeFCopes28	,230	,368	,395	1,000

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
recodeFCopes12	9,84	6,926	,302	,095	,661
recodeFCopes17	9,72	6,812	,483	,254	,515
recodeFCopes26	9,77	7,404	,460	,252	,540
recodeFCopes28	8,89	6,851	,443	,217	,543

Correlations

		total	Recode FCopes12	Recode FCopes17	Recode FCopes26	Recode FCopes28
total	Pearson Correlation	1	,237**	,177**	,287**	,382**
	Sig. (2-tailed)		,000	,000	,000	,000
	N	534	534	534	534	534
Recode FCopes12	Pearson Correlation	,237**	1	,267**	,200**	,230**
	Sig. (2-tailed)	,000		,000	,000	,000
	N	534	534	534	534	534
Recode FCopes17	Pearson Correlation	,177**	,267**	1	,430**	,368**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000		,000	,000
	N	534	534	534	534	534
Recode FCopes26	Pearson Correlation	,287**	,200**	,430**	1	,395**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000		,000
	N	534	534	534	534	534
Recode FCopes28	Pearson Correlation	,382**	,230**	,368**	,395**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	
	N	534	534	534	534	534

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Fator 3

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,840	,840	6

Inter-Item Correlation Matrix

	FC1	FC2	FC5	FC16	FC20	FC25
FC1	1,000	,559	,493	,470	,465	,487
FC2	,559	1,000	,536	,688	,309	,399
FC5	,493	,536	1,000	,484	,452	,504
FC16	,470	,688	,484	1,000	,317	,362
FC20	,465	,309	,452	,317	1,000	,481
FC25	,487	,399	,504	,362	,481	1,000

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
FC1	16,97	18,887	,659	,447	,805
FC2	17,10	19,050	,664	,569	,805
FC5	17,35	18,589	,658	,439	,805
FC16	17,34	19,426	,611	,499	,815
FC20	17,11	20,038	,525	,333	,832
FC25	17,75	19,570	,587	,376	,820

Correlations

	FC1	FC2	FC5	FC16	FC20	FC25
Pearson Correlation	1	,559**	,493**	,470**	,465**	,487**
FC1 Sig. (2-tailed)		,000	,000	,000	,000	,000
N	534	534	534	534	534	534
Pearson Correlation	,559**	1	,536**	,688**	,309**	,399**
FC2 Sig. (2-tailed)	,000		,000	,000	,000	,000
N	534	534	534	534	534	534
Pearson Correlation	,493**	,536**	1	,484**	,452**	,504**
FC5 Sig. (2-tailed)	,000	,000		,000	,000	,000
N	534	534	534	534	534	534
Pearson Correlation	,470**	,688**	,484**	1	,317**	,362**
FC16 Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000		,000	,000

N	534	534	534	534	534	534
Pearson Correlation	,465**	,309**	,452**	,317**	1	,481**
FC20 Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000		,000
N	534	534	534	534	534	534
Pearson Correlation	,487**	,399**	,504**	,362**	,481**	1
FC25 Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000	
N	534	534	534	534	534	534

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Fator 4

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,869	,871	11

Inter-Item Correlation Matrix

	FC4	FC6	FC8	FC9	FC10	FC14	FC21	FC23
FC4	1,000	,416	,383	,379	,375	,216	,398	,240
FC6	,416	1,000	,432	,405	,415	,263	,568	,306
FC8	,383	,432	1,000	,303	,704	,250	,336	,327
FC9	,379	,405	,303	1,000	,357	,345	,489	,323
FC10	,375	,415	,704	,357	1,000	,322	,330	,346
FC14	,216	,263	,250	,345	,322	1,000	,325	,834
FC21	,398	,568	,336	,489	,330	,325	1,000	,346
FC23	,240	,306	,327	,323	,346	,834	,346	1,000
FC27	,286	,362	,391	,361	,418	,597	,379	,639
FC29	,303	,356	,544	,257	,623	,296	,290	,369
FC30	,237	,175	,161	,321	,221	,622	,251	,587

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
FC4	25,51	71,050	,477	,290	,864
FC6	26,35	68,641	,548	,425	,859
FC8	26,52	67,706	,563	,548	,858
FC9	25,62	68,120	,529	,345	,861
FC10	26,51	67,616	,613	,601	,855
FC14	25,99	65,195	,629	,735	,854
FC21	26,03	68,363	,555	,431	,859
FC23	26,16	64,886	,670	,742	,850
FC27	26,91	67,854	,663	,510	,852
FC29	26,87	70,126	,552	,463	,860
FC30	25,00	68,263	,484	,424	,865

Correlations

	FC4	FC6	FC8	FC9	FC10	FC14	FC21	FC23	FC27	FC29	FC30
Pearson											
Correlation	1	,416*	,383*	,379*	,375*	,216*	,398*	,240*	,286*	,303*	,237*
n		*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Sig. (2-tailed)		,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
N	534	534	534	534	534	534	534	534	534	534	534
Pearson											
Correlation	,416*	1	,432*	,405*	,415*	,263*	,568*	,306*	,362*	,356*	,175*
n	*		*	*	*	*	*	*	*	*	*
Sig. (2-tailed)	,000		,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
N	534	534	534	534	534	534	534	534	534	534	534
Pearson											
Correlation	,383*	,432*	1	,303*	,704*	,250*	,336*	,327*	,391*	,544*	,161*
n	*	*		*	*	*	*	*	*	*	*
Sig. (2-tailed)	,000	,000		,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
N	534	534	534	534	534	534	534	534	534	534	534
Pearson											
Correlation	,379*	,405*	,303*	1	,357*	,345*	,489*	,323*	,361*	,257*	,321*
n	*	*	*		*	*	*	*	*	*	*
Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000		,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
N	534	534	534	534	534	534	534	534	534	534	534
Pearson											
Correlation	,375*	,415*	,704*	,357*	1	,322*	,330*	,346*	,418*	,623*	,221*
n	*	*	*	*		*	*	*	*	*	*
Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000		,000	,000	,000	,000	,000	,000
N	534	534	534	534	534	534	534	534	534	534	534
Pearson											
Correlation	,216*	,263*	,250*	,345*	,322*	1	,325*	,834*	,597*	,296*	,622*
n	*	*	*	*	*		*	*	*	*	*

	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	N	534	534	534	534	534	534	534	534	534	534
	Pearson Correlation	,398*	,568*	,336*	,489*	,330*	,325*	,346*	,379*	,290*	,251*
FC2	n						1				
1	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	N	534	534	534	534	534	534	534	534	534	534
	Pearson Correlation	,240*	,306*	,327*	,323*	,346*	,834*	,346*	,639*	,369*	,587*
FC2	n							1			
3	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	N	534	534	534	534	534	534	534	534	534	534
	Pearson Correlation	,286*	,362*	,391*	,361*	,418*	,597*	,379*	,639*	,471*	,412*
FC2	n								1		
7	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	N	534	534	534	534	534	534	534	534	534	534
	Pearson Correlation	,303*	,356*	,544*	,257*	,623*	,296*	,290*	,369*	,471*	,204*
FC2	n									1	
9	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	N	534	534	534	534	534	534	534	534	534	534
	Pearson Correlation	,237*	,175*	,161*	,321*	,221*	,622*	,251*	,587*	,412*	,204*
FC3	n										1
0	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	N	534	534	534	534	534	534	534	534	534	534

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlação entre os fatores

		Correlations				
		fator1	fator2	fator3	fator4	total
fator1	Pearson					
	Correlation	1	,340**	,686**	,411**	,803**
	Sig. (2-tailed)		,000	,000	,000	,000
	N	534	534	534	534	534
fator2	Pearson					
	Correlation	,340**	1	,244**	,042	,389**
	Sig. (2-tailed)	,000		,000	,337	,000
	N	534	534	534	534	534
fator3	Pearson					
	Correlation	,686**	,244**	1	,633**	,876**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000		,000	,000
	N	534	534	534	534	534
fator4	Pearson					
	Correlation	,411**	,042	,633**	1	,821**
	Sig. (2-tailed)	,000	,337	,000		,000
	N	534	534	534	534	534
total	Pearson					
	Correlation	,803**	,389**	,876**	,821**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	
	N	534	534	534	534	534

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexo C. VI – Valores normativos para a escala total.

Estatísticas

Total		
N	Válidos	534
	Missing	0
Média		90,7697
Std. Error of Mean		,79096
Mediana		93,0000
Moda		91,00
Desvio padrão		18,27786
Variância		334,080
Assimetria		-2,845
Erro padrão da assimetria		,106
Curtose		12,463
Erro padrão da curtose		,211
Varição		127,00
Mínimo		,00
Máximo		127,00
Soma		48471,00
Percentis	25	84,0000
	50	93,0000
	75	101,0000

Anexo C. VII – Teste *T-student*, análise da média e da variância quanto ao género.

Group Statistics

	género	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
total	1 M	170	91,1235	13,26570	1,01743
	2 F	364	90,6044	20,21190	1,05939

Independent Samples Test

	Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means							
	F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference		
								Lower	Upper	
Equal variances assumed	3,438	,064	,305	532	,760	,51913	1,69938	-2,81918	3,85745	
Equal variances not assumed			,353	474,458	,724	,51913	1,46884	-2,36709	3,40536	